

18

ANTÓNIO DE PÁDUA

LICENCIADO EM MEDICINA

Davos-am-Platz

ESTAÇÃO CLIMATÉRICA DE INVERNO

Alpes Grisões

(GRAUBÜNDEN)

COÍMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1898

5
56
7
54

Sala 5
Gab. —
Est. 56
Tab. 7
N.º 54

Sala 5
Gab. -
Est. 56
Tab. 7
N.º 54

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Biblioteca Geral



1301088494

DE PÁDUA
ADO EM MEDICINA

Davos-am-Platz

ESTAÇÃO CLIMATÉRICA DE INVERNO

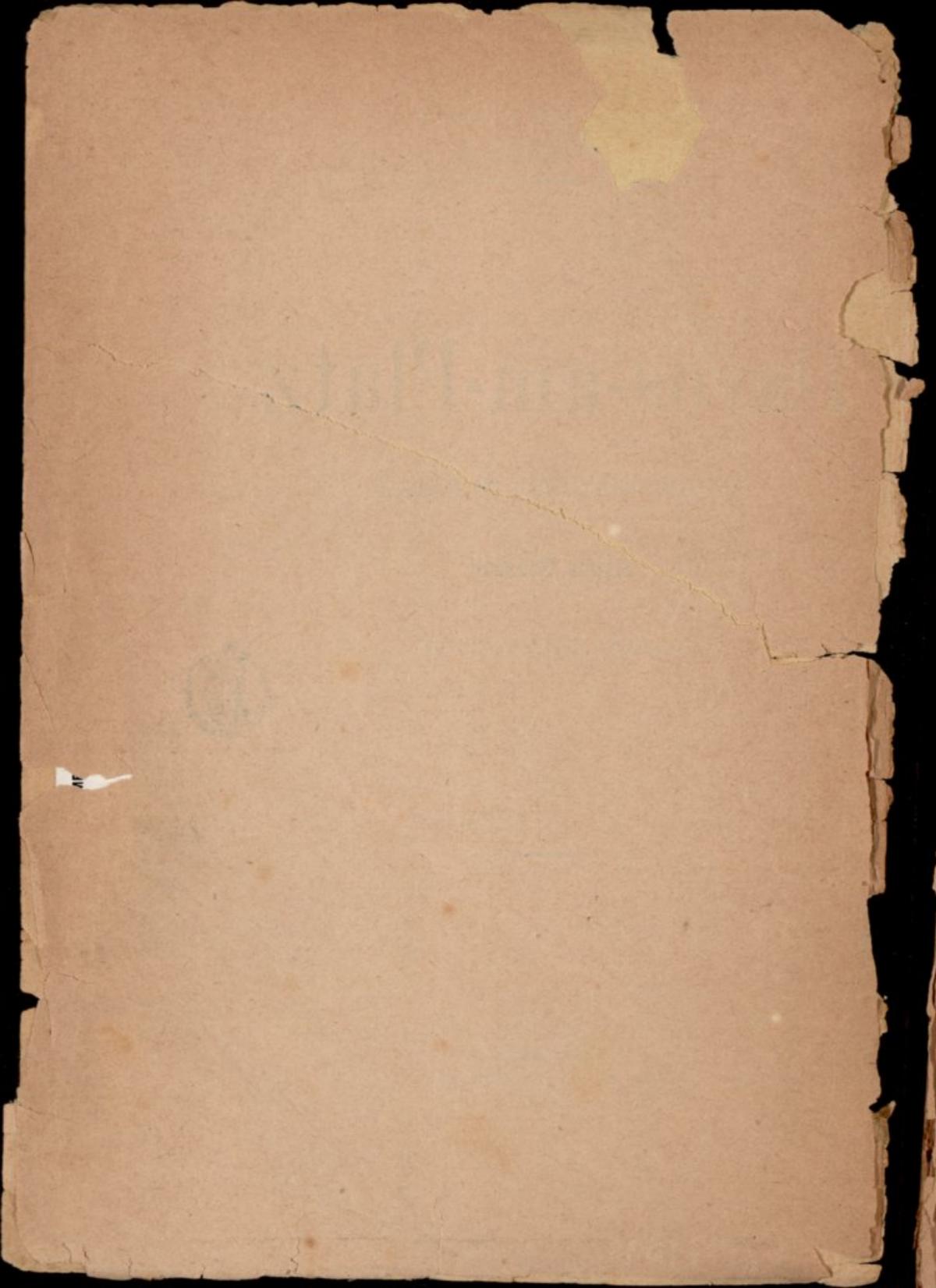
Alpes Grisóis

(GRAUBÜNDEN)



COÍMBRA
IMPrensa DA UNIVERSIDADE
1898

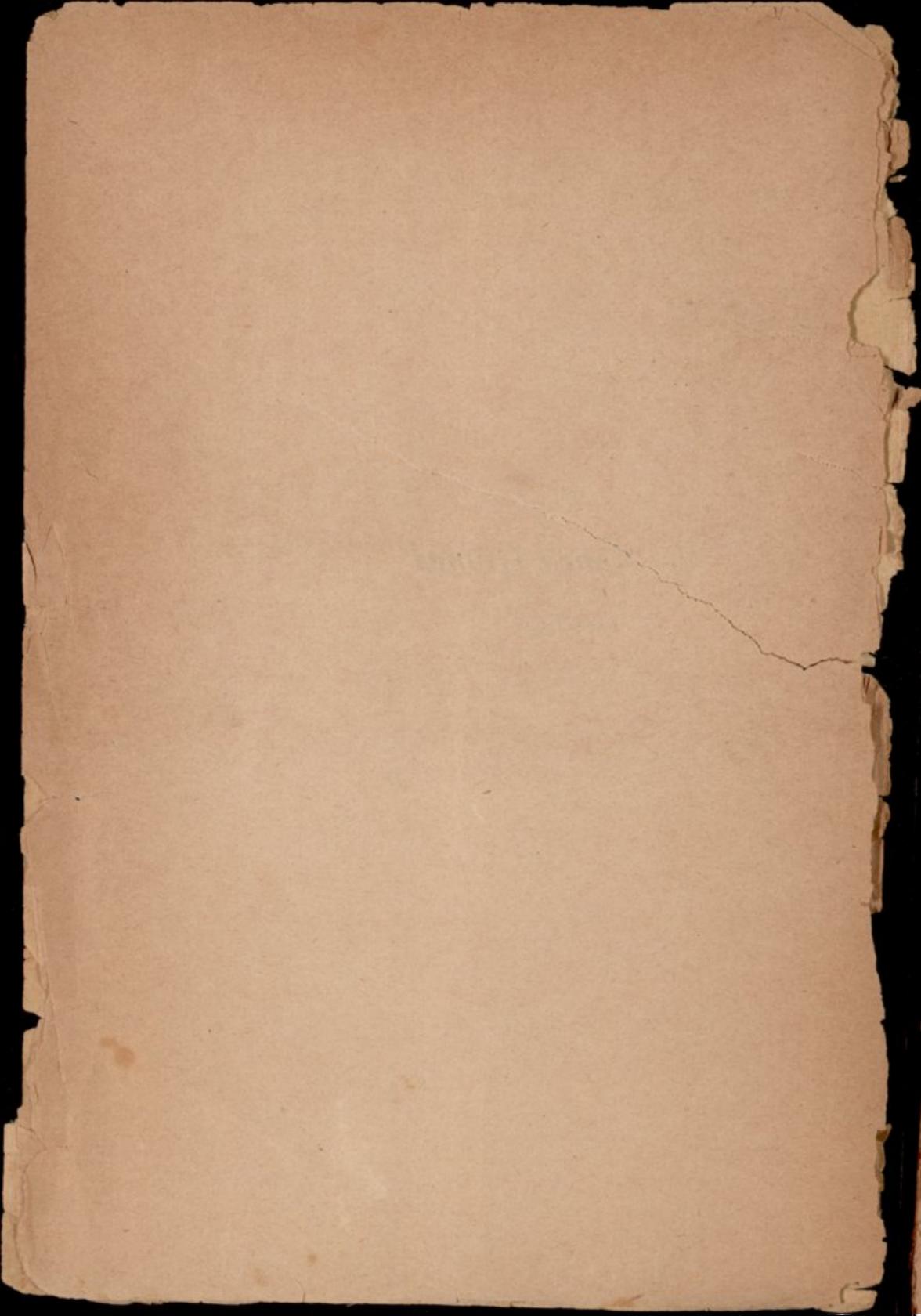
621971018



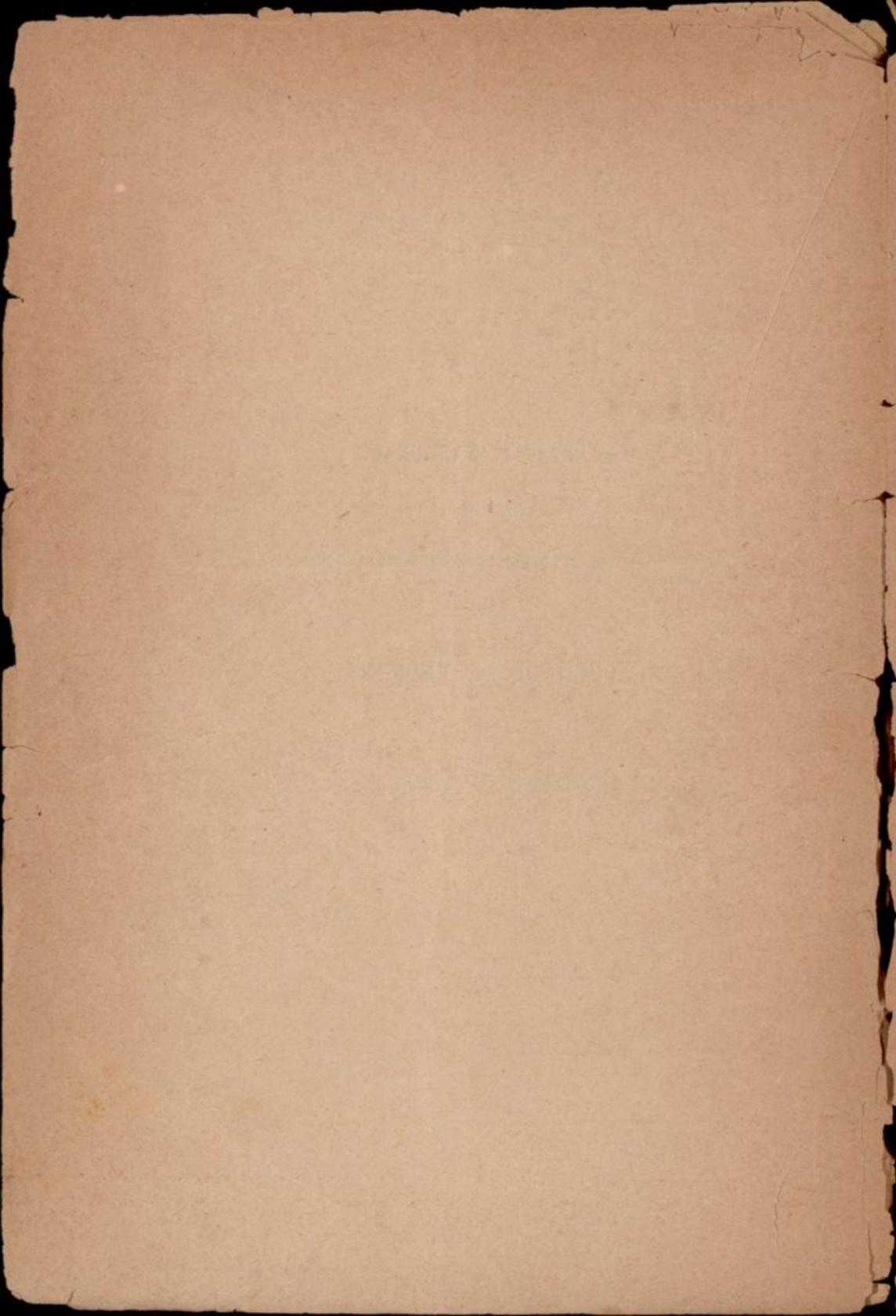
AO

Dr. Souza Gómez

Meu amigo



DISSERTAÇÃO INAUGURAL
PARA O
ACTO DE CONCLUSÕES MAGNAS
NA
FACULDADE DE MEDICINA
DA
UNIVERSIDADE DE COÍMBRA



Prólogo

PRÓLOGO

No inverno do anno último, por motivos de ordem vária, resolvi fazer uma viagem por parte da Europa.

O meu intuito era especialmente visitar algumas estações de cura das de mais nomeada, dizendo respeito ás doenças de tuberculose, e visava sôbre tudo a estação de **Davos**, que, pelas suas qualidades afamadas, chamava naturalmente a minha attenção.

Quando saí do país ia radicadamente convicto de que a estação grisónica estava mal conhecida em Portugal; as noticias que della tinham os médicos portuguezes vinham-lhes fornecidas por livros onde alguma coisa ficava sempre por dizer; ordinariamente francêses, esses livros appareciam crivados de defeitos, cheios de lacunas, e nunca permittiam, apesar de volumosos, fazer uma idéa nítida dessa e doutras estações alpinas; como a medicina portugueza, ainda hoje, vive quasi exclusivamente da litteratura médica francêsa, o resultado não me surprehendia e por mim mêsmo o experimentava; as monographias allemãs e suíças compostas sôbre **Davos** eram pouco ou nada conhecidas

em Portugal; dêste modo as indicações rigorosas sobre Davos mal se obtinham esboçadas e nunca com a clareza e precisão, que a famosa estação merece.

Certo é que mêsmo em Português algumas brochuras ha publicadas sobre Davos; mas todas ellas sam duma tal modéstia de concepção, duma tal deficiência de execução, que de modo nenhum conseguiram preencher o fim que tinham em vista.

Esse resultado desconsolador provém dum defeito fundamental a que os auctores de todas ellas se têm deixado arrastar e que é um effeito tristíssimo da leitura demasiada dos livros apontados e da sua imitação lamentavel; nesses livros portugêses, como em geral nos livros francêses sempre sobre o assumpto palavrosos e vãos, os auctores deixam-se arrastar por uma tentação a meu vêr pernicioso.

Acham a descripção duma estação incapaz de dar um volume, por mais notavel que ella seja; e por isso começam sempre por preceder o seu estudo pelo estabelecimento de noções gerais de climatotherapia, que depois particularizam para as doenças de tuberculose e em seguida individualizam, por um trabalho de conjunto, para a estação que descrevem.

Os livros francêses procedem assim para as differentes estações da Europa; os livros portugêses assim procedem para a estação de Davos, única que tem sido descripta com largueza por médicos portugêses, sem resultados. Quando algum se tem aventurado a fazer referências a qualquer outra, tem conseguido dizer coisas duma ingenuidade repleta de candura...

Eu repudio abertamente esta prática de descrever as estações; quem vai lêr um livro feito sobre ellas, o que quer é saber o que lá existe, como existe, para que existe; o que pretende é verificar os effeitos lá obtidos para a doença, as fórmulas prati-

cadras para a cura, os meios usados para a vida diária; a descripção do logar deve indicar-lhe as suas condições climatéricas gerais e isso é que é essencial; de resto, as noções theóricas sôbre que a cura assenta, os modos de vêr que os tratadistas entre si permutam para explicar as coisas, sam accidentes que o leitor, se não é médico, confia terám sido compulsados pelos clínicos na sua cadeira de therapeutica e, se é médico, conhece-os de antemão para que necessite uma nova exposição doutrinária, que geralmente lhe não dá novas idéas nem infelizmente, com frequência, boa leitura.

Estavamos nós servidos se tal processo didáctico se diffundisse; quem quizesse expôr um grupo de doenças accessíveis a um tratamento thermal, por exemplo, teria de preceder a sua descripção duma larga exposição sôbre hydrotherapia; quem quizesse explanar um grupo de doenças susceptíveis de cura pelos soros teria de anteceder a doutrina por uma grande prelecção sôbre sorotherapia; versando-se um tratamento gymnástico lá viria a cinèsiherapia preceder os preceitos práticos, etc.; e nós andaríamos sempre a lêr as mesmas palavras.

Tal processo só é admissivel e então mêsmo indispensavel, quando os assumptos apparecem, quando se faz pela primeira vez uma exposição de idéas; passado esse período não se justifica e serve só para fornecer reedições, repetições inuteis, cópias mais ou menos dissimuladas.

Com a climatotherapia dá-se esta segunda hypóthese, e é bem triste reconhecê-lo; largamente diffundida e espalhada entre nós, — sôbre tudo depois da publicação dos livros de PAULO BERT e de WEBBER —, tornou-se familiar dos médicos portuguezes; mas estes não completáram a sua educação com o estudo cauteloso das estações de cura, a respeito das quais ficaram pôssuindo

idéas deficientes; excepções ha, é claro, mas que apenas confirmam e não invalidam a regra.

É vulgaríssimo em Portugal vêr-se um médico qualquer, desde que seja instruído e atilado, discorrer com proficiência e correção uma ou duas horas sôbre altitudes e climas; e é vulgaríssimo também ver esse mêsmo médico, se no fim da peroração fôr convidado a fornecer dados precisos a respeito duma estação determinada, ficar embaraçado e quêdo, sem saber por onde ha de pegar-lhe.

Exemplos comprovativos dêste phenómeno ha-os por esse país fóra, a todos os cantos.

Este resultado desanimador provém essencialmente da causa, que apontei, da má leitura, que se faz em geral sôbre as estações; o português é facilmente suggestionavel, demasiado phantasia; carece sériamente das qualidades de crítica e ponderação, dêste senso reflectido que faz a grande força das raças do norte.

Dai vem que ás vezes um livro péssimo, porque trata assumptos desconhecidos, consegue entrar em Portugal e conquistar fóros de coisa séria; um livro volumoso, bem feito pelo que toca a typographia, bem ornado de estampas, bem sonoro de phrases, tem a ventura, frequentemente, de fazer carreira; outros de typo diverso, pequenos mas galantes, com uma exposição succinta mas correcta da doutrina, seguida e desempenada, com ares de sabedoria, também penetra as estantes e as almas; sôbre este problema especial das altitudes, — que sob o ponto de vista práctico tem sido muito ignorado em Portugal —, eu podia analyzar dois exemplos flagrantes: um, o livro de PAUL REGNARD, postigo e inferior, cheio de noções velhas e relhas caiadas de novo com fraca habilidade, com descripções sybillinas dum número avultado de estações, a granel enfeixadas, umas de cura,

outras de prazer, repleto de inexactidões, recheado de pretensão balôfa, é um livro que tanto podia ser escripto por um médico como por um leigo a quem dessem os elementos, com que o auctor o iniciou em longas páginas infindaveis; e talvez o leigo, sendo um litterato, fôsse mais feliz, porque ao menos diria as coisas em linguagem, que tivesse ligeireza e elegância.

Outro exemplo seria o livro de LAUTH, sem uma única idéa, sem um dito ao menos que lhe pertença de verdade; tudo dos outros, tudo respigado, cerzido e atado, com mais ou menos habilidade, mas tudo uma repetição do que já estava muitas vezes repetido, uma perfeita prova da inferioridade mais acabada.

É com livros dêstes, e semelhantes, que a medicina portugêsa se tem havido; e, sendo elles assim, que posso eu admirar-me de vêr essa medicina afflicta quando lhe pedem alguma noção exacta, clara, nítida, sem palavriado mas com indicações rigorosas sôbre qualquer estação de altitude?

*

O trajecto completo da minha viagem foi muito extenso; travei conhecimento com um certo número de Universidades e hospitais e com alguns estabelecimentos de cura francêses; afóra isso, que tudo é para a resultante geral de indiscutivel valor, visitei todas as regiões suiças de cura, excepto o cantão do Vaud.

A descripção geral da viagem, aproveitando-a bem, daria páginas muito numerosas e representaria um trabalho violento; neste momento e para Dissertação inaugural escolhi um dos seus

trechos, a notificação da minha permanência em Davos e do estudo feito durante o tempo que lá estive.

O resto virá a seu tempo quando a minha energia plúmitiva estiver para isso disposta.

A escolha feita da descripção de Davos é inteiramente justificada; Davos é uma grande estação, cheia de prosperidade e correspondendo generosamente á preferência, que os doentes lhe têm dispensado; essa generosidade é naturalmente uma consequência das suas condições climatéricas, que sam constantemente triumphantes nas comparações, em que entrem, com as doutra estação qualquer; a isto accresce um corpo clínico primoroso, que vigia e apura a estação com verdadeiro amôr.

Um trabalho de comparação entre Davos e as outras estações de montanha, que visitei, seria demasiado longo e exigiria tempo de que não disponho para a sua confeição; mas seria o melhor preito de justiça que eu poderia prestar a Davos e um excelente serviço que fazia, não me escondo a dizê-lo, aos médicos portuguezes; o que não pode fazer-se agora poderá fazer-se mais tarde e aqui deixo consignada a promessa...

Afastei-me da resolução de falar só de Davos apenas com respeito ao valle do Sertig e ás suas installações de Clavadel; o meu fim especial neste caso, justificativo do meu procedimento especial, foi conseguir que num livro médico portuguez se dessem informações sôbre a nascente estação do Sertig, que até hoje não foi ainda descripta, tam moderna é, com cuidado e rigor, em nenhum livro de medicina; se a pretensão não deve ter-se como legítima, della me penitencio.

Outro tanto não faço por me consagrar á descripção minuciosa de Davos; diz-me a consciência que preencho uma lacuna, que satisfaço a uma utilidade necessária, que presto um serviço

símplez mas real a médicos e doentes; e ninguém me contestará estes juízos se comigo souber que ha em Portugal quem confunda o sanatório de Davos com a villa de Davos, que ha em Portugal quem tenha o valle de Davos na conta dum buraco insignificante — quando elle possuê 15 kilómetros de comprido.

Tudo isto está escripto e impresso.

Se, porém, nas brochuras onde isto se encontra, quizer alguém aprender a maneira prática de aproveitar a estação alpina, nada apura digno de menção: nem fica a saber como lá pode chegar, por onde deve dirigir-se, quando deve partir, em que logares deve deter-se, em que habitações installar-se; ficará ignorando os recursos de que dispõi em Davos para a cura, a fôrma de a effectuar, os cuidados de que deve ir proposto a rodear-se, os sacrificios sociais que tem de impôr-se, a demora que convém ter, a data mais propicia do regresso; permanecerá para si uma incógnita o custo da viagem, o preço das coisas mais vulgares, a importância a gastar na demora em Davos — o lado financeiro da cura, numa palavra, e assim por deante.

E se entrarmos no terreno técnico, claramente médico do problema, então tenho de calar-me e enviar o leitor para um capitulo, que escrevi sob o titulo de contra-indicações de Davos, e de que me lembro sempre com a testa enrugada.

Estas lacunas pretendi eu saná-las, nesta monographia. Não me faltavam para isso elementos, que em Davos colhi *largamano* e cujo trabalho de organização e disposição didáctica me consumiu tempo enorme.

Se consegui o meu fim, dou-me por contente, mas mais alegre ficava ainda se porventura o modesto livro tivesse outro alcance de que mais duma vez me lembrei nas minhas peregrinações através do valle encantado.

Talvês um conhecimento exacto e rigoroso da estação de Davos mostre a conveniência, senão a necessidade, de haver em Portugal alguma coisa do muitíssimo que por lá está feito; talvês a diffusão do estado actual de Davos, com o seu futuro ridentíssimo, que os milhõis estranhos tornarâm uma maravilha de hygiene, acorde em Portugal alguma actividade official ou particular, individual ou collectiva, que se proponha a empender alguma coisa a respeito de tuberculose e de montanhas; a revelação pautada das coisas estranhas tem muitas vezes uma reflexão doméstica, que se desdobra em resoluções uteis; e se a hypóthese se dêsse com a descripção, que faço de Davos, não me daria por contente, como dizia ha pouco, mas por feliz. Porém a minha descrença é tamanha...

*

Um livro dèstes, mèramente descriptivo, offerece difficuldades de téchnica litterária muito embarçosas.

Por maior que seja o esforço pôsto em alegrar as descripções, por um effeito de linguagem, esse *desideratum* não se consegue facilmente; o que de si mêsmo é árido e sêcco, despido de ornatos próprios, mal pode encastoar-se em fórmulas galantes; depois os assumptos de tuberculose estâm sempre tam envolvidos num véo de tristeza e mágua, que mesmo procurando dar uma nota alegre, viva e jovial, aquí ou além, custa realmente atravessá-los sem deixar transparecer esse ambiente de amarguras, onde se anda a labutar.

De tudo isto resulta, com probabilidade, esta conclusão natural: um livro dèstes deve ser litterariamente inferior.

E ainda tem de attender-se a outro coëfficiente, que seria injustiça não considerar: um médico novo nunca pode ser um escriptor perfeito, por muito que se esforce para isso.

Quem chega ao fim dum curso de medicina fatigante e extenso, teimoso e trabalhoso em excesso por vezes, vem de fazer longas leituras sôbre as coisas physiológicas e pathológicas mais variadas, vem de fazer uma educação professional tam boa quanto lhe é possível, mas não vem seguramente de consagrar o seu espirito ás laborações meticulosas e requintadas, que afinam o gosto artístico, que fornecem o gosto litterário, a critica litterária, a ponderação litterária, as qualidades enfim que fazem um escriptor e lhe dam as suas características de homem de letras; a isto junta-se a falta de convivência com os grandes letrados da pátria, com os grandes doutores da lingua, sôbre tudo grandes millionários do lexicon, que esgrimem com a palavra por fórma que não ha idéa que lhes não sáia da penna com todo o brilho de expressão, toda a propriedade de termos, toda a energia vernácula que dá a escolha impecavel do vocábulo.

Um médico novo tem tido um grande número de annos — os melhores da vida — tam afadigadamente occupados, que de modo nenhum pode ser um erudito, para ter uma educação litterária que de longe sequér se compare á sua educação scientifica.

Em vez disso forças contrárias tem actuado sôbre elle por fórma chónica e irresistivel; compellido a lêr e colher doutrinas em livros de linguas estranhas á sua, durante annos e annos, sôbre os assumptos mais variados, tem naturalmente nesse facto uma causa permanente de corrupção da sua lingua própria, causa tam persistente e duradoira, que acaba necessariamente por lhe estragar o pouco de purêza que haja conquistado pela leitura ou que brote do seu espirito por tendência espontânea; é uma das

consequências mais nefastas esta de se estragar a língua, quer a gente queira, quer não, a que soffrem os povos chegados como nós a uma extrema infecundidade intellectual.

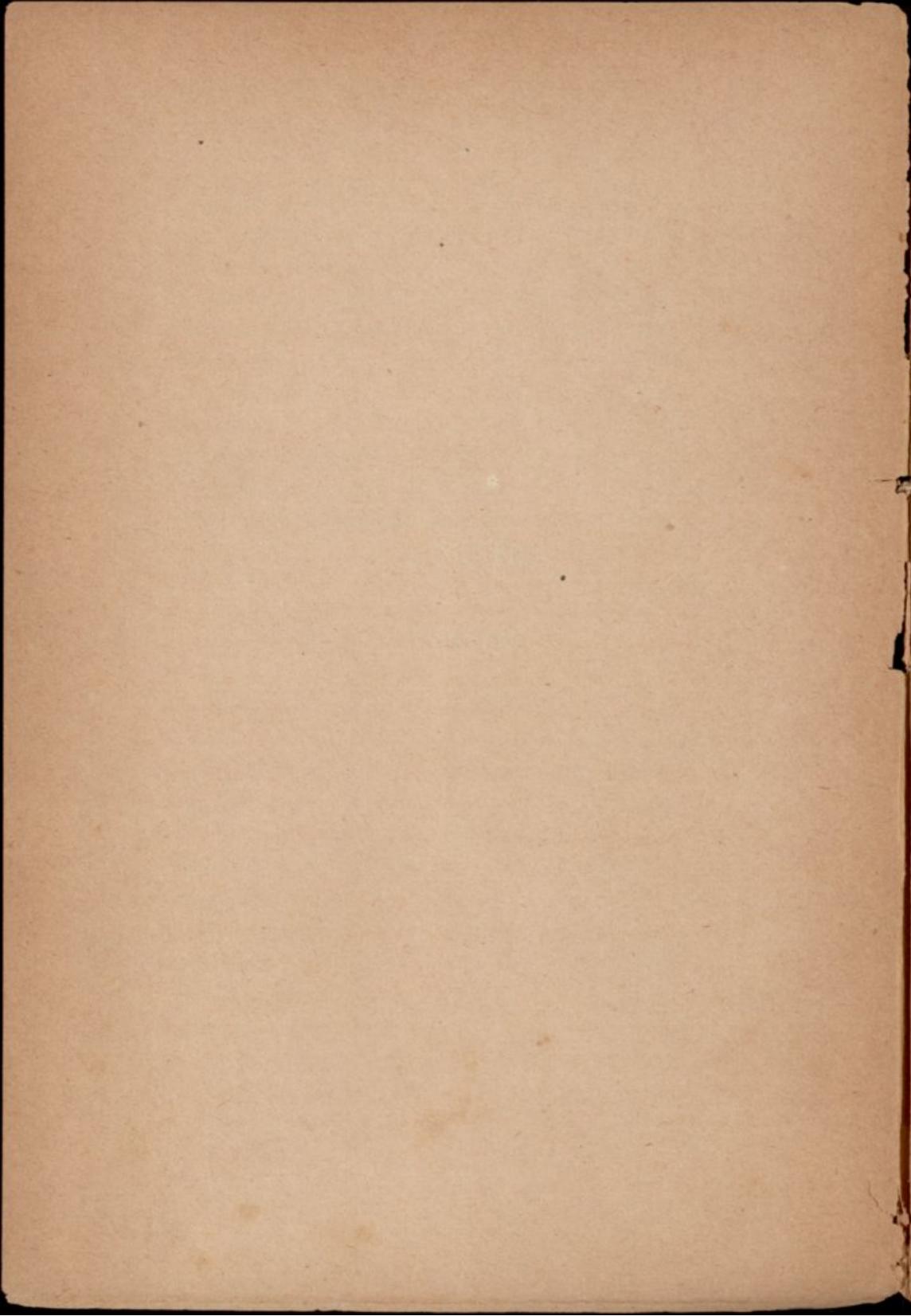
Mas é um resultado fatal: enquanto se lida com a terminologia técnica e com ella se enchem os departamentos da memória, não pode ir conviver-se com o Padre Bernardes para nos dar um lexicon rico e fino, com que enramalhetemos as nossas descripções, com que tornemos bem perfurantes as nossas ironias e com que transfigurêmos em flagícios de tortura antiga as nossas objurgatórias; e como esta fatalidade não tem remédio facil nem possível para o momento, confessada ella, aí vai o livro, á ventura...

Coimbra — Outubro — 1898.

ANTÓNIO DE PÁDUA.

CAPÍTULO I

Davos



Davos

Imaginemos uma pessoa muito afflicta, alquebrada e fraca, taciturna e triste, com a noite na alma e as sombras mais escuras a cobrir-lhe o coração; tem o seu peito oppresso, a sua respiração difficil, a sua face macerada, o seu olhar cansado, a sua energia exhausta; só a sua imaginação trabalha desordenada, só a sua reminiscência está vigilante e acêsa, só os seus nervos vibram com sensibilidade febril e precipitada; um desánimo profundo a abate, mas uma reacção doentia a excita; e enquanto dôres physicas a invalidam e consomem, a torrente das suas dôres morais despenha-se da sua memória em turbilhões martyrizantes; tudo passa, tudo repassa, perdido, na sua imaginação vivaz: os sonhos queridos da sua mocidade, as esperanças fagueiras do seu futuro, o plano radioso dos seus triumphos, a constellação astral das suas aspirações, tudo isso desliza envolto num manto negro, tórvo e sinistro... e, se porventura um instante detém a jornada trágica, que as idéas vêm fazendo através da sua memória, sente-se cheia de febre e sente-se cheia de desespêro.

Às vezes um revérbero de luz, um ténue clarão de esperança,

raio de alvorada a descerrar trevas densas, gorgoio de ave a cortar silêncio de morte, penetra a sua alma, vivifica o seu espirito, tonifica o seu corpo, illumina o seu olhar, parece ressuscitá-la para a vida e repô-la no limiar da porta verde da sua felicidade; mas depressa a febre volta, a tosse reaparece, o cansaço domina e aquella porta luminosa fica sem ser transposta.

Dôr enorme a tua então, pobre creatura, que vês fugir a vida com a esperança e que começas a sentir o travôr trágico da saúde a estrangular-te a voz; lembras-te então da morte, esqualida amante que vai cingir-te nos seus braços álgidos, e começas então a lembrar-te dos amigos que vais deixar, da familia querida a que vais fugir, dos logares onde raiou o teu primeiro olhar, dos lábios onde poisou o teu primeiro beijo; dôr enorme a tua, creatura, a dessa hora trágica, dôr gigantesca a tua, que nenhuma outra dôr eguala.

E, imagina lá, vê bem, se a tua imaginação pode ainda vibrar bastante para o comprehender, a alegria infinita, o deslumbramento offuscante, a claridade radiantissima que penetraria a tua alma, se alguém murmurasse ao teu ouvido palavras de lucta e de batalha, seguras e firmes, sêccas e solemnes, conscientes e honradas, da transmutação que pode operar-se no teu sêr, arrancando-te do abysmo insondavel em que vais mergulhar e lançando-te novamente, rejuvenescida e ágil, liberta e jovial, fortalecida e resuscitada, para o teu meio social e para a actividade da tua vida.

Não acreditarias talvês, esmagada pela dôr; mas sê como aquelle romano a quem *Impavidum ferirunt ruinae*, e se a tua coragem, se a tua tenacidade, se a tua firmeza, se a tua teimosia audaz e permanente egualarem a tua dôr e fôrem ta-manhas como o teu soffrimento, debes acreditar e crêr e con-

fiar e esperar, e lançar-te abertamente na lucta a que aquellas palavras te chamam, com a certeza de vencer. Precisas para isso de alliados? Seguramente: a lucta vai ser medonha porque o inimigo é encarniçado e ferocissimo; não admite tréguas nem conhece as leis da guerra; a sua barbaridade é sem par, a sua crueldade sem igual, a sua felonía sem limites. Embora. As alianças de que careces estão ás tuas ordens; têm poder variavel e têm poderio diverso; mas encontrarás uma, entre todas dominadora, para que deves correr com apressado ardôr, e de que deves usar com destemido desprêso pelos sacrificios, que tenhas de impôr-te para aproveitar o seu auxilio.

Essa é que eu te recommendo, essa é que eu te aconselho fervorosamente; e — para que a conheças bem e para que della uses com ampla confiança, — eu vou descrevêr-ta e mostrar-ta em desataviada phrase.

*

Essa alliança chama-se o valle de Davos. É uma garganta estreita, perdida no meio dos alpes rhéticos, que a natureza cavou lá no alto, no meio de montanhas formosissimas, a uma altura de 1560 metros acima do mar em Marselha (1). Logar eleito para os mais altos desígnios, a natureza cobriu-o com tal abundância de graças, que eu nem sei que mais admirar nelle: se a disposição providencial das suas condições cosmográficas, se a perspicácia impeccavel da raça que o habita.

(1) Determinação de M. J. OLBETER.

Longo, o seu comprimento pode calcular-se em 15 kilómetros; estreito, a sua largura máxima pode fixar-se entre 700 a 800 metros; mas este máximo corresponde precisamente ao ponto médio do valle, porque os extremos sam gargantas estreitísimas, quási bêccos sem saída, que dam passagem difficil aos inimigos que por ellas queiram entrar; daí provém que a superficie do valle é a área duma ellipse desmedidamente alongada, lençol de neve alvíssima no inverno, onde uma ribeira corre, **Landwasser**, em longos lanços rectilínios, por ter sido a mão do homem que os traçou num arrôjo intemerato. É a tal raça, a revelar-se . . .

Quem percorrer este valle desde o seu extremo norte, **Wolfgang**, até ao seu extremo sul, o desfiladeiro do **Züge**, encontra um grande número de povoações.

No princípio, ao norte, encontra **Davos-Dörfli**, cheia de casas gaiatas, com um lago formosíssimo, dum azul profundo, cuja água no inverno o frio gela e onde por isso se *patina* á vontade e sem mêdo, apesar da água nalguns pontos ter a profundidade de 60 milhas. Pequeno, com kilómetro e meio de comprido por meio de largo, o lago percorre-se a pé em 20 minutos, para a gente poder ir ao restaurante **Howald** tomar o seu copo de leite ou a sua *sandwich* com cerveja; gelada pelo frio, a água da superficie transformou-se em gêlo espesso, azulino, da grossura dum metro, que supporta os trenós mais luxuosos, puxados pelas parellhas mais possantes.

Ao percorrê-lo uma sensação exquisita se experimenta: é a que dá o ruído surdo e ôco da neve, que estala em compridas fendas sob os pés, como se uma tremenda batalha se estivesse travando submersa, para dar a impressão terrível dum solo oscillante; lá num ou noutro recanto operários afadigados, de sapatos ferrados e de cachimbo fumegante, serram com serras

enormes grandes blocos de gêlo, parallelepípedos monstros, que servem para a conservação de víveres, e para confeições culinárias; a natureza pródiga deu ao valle de Davos aquelle fantástico depósito de gêlo, e os homens sabem aproveitá-lo com inexcedível diligência. É a tal raça, a revelar-se...

A Dörfli segue-se Davos-Platz, que é o Davos deste livro, e que é a grande povoação do valle, onde termina o caminho de ferro do Rhätia, e onde estão installadas as officinas da respectiva companhia; é a essa povoação, cuja população indígena rodêa 4000 habitantes, que os doentes de peito de todas as nações cultas affluem no inverno, sem mêdo á neve que então cobre tudo e todos, e que é devida ás condições de altitude, de latitude (1) e de longitude (2) de Davos.

Toda a villasita é atravessada por uma estrada magnifica — **Poststrass** —, que casas innúmeras ladeiam; a léste e a oeste desta estrada central ha muitissimas habitações, a que ruas inclinadas dam serventia; a limpeza geral dessas ruas, como a hygiene pública da povoação, como os cuidados gerais de limpeza e garantia de todos os caminhos do valle, sam assumptos cuidadosamente vigiados por uma repartição pública propositadamente installada para isso — o **Curverein Davos-Platz** —, que por outro lado pratica todos os dias rigorosas observações scientificas, que dam a nota diária exacta das condições meteorológicas de Davos.

Quanto á hygiene privada, o leitor verá comigo a sua perfeição, se quisér acompanhar-me no capitulo consagrado aos hoteis de Davos; aqui quero contudo frizar-lhe uma circumstância.

(1) 47° norte.

(2) 10° este Greenwich.

O terreno de **Davos** foi, em tempo, alagadiço e pantanoso; os miasmas evolavam-se e consigo traziam a febre perniciosa, amarellenta e mortífera; por outro lado, as casas de **Davos** careciam de esgotos e a sua hygiene a esse respeito deixava a desejar; o duplo mal foi contudo debellado desta maneira engenhosa: ao norte de **Davos** estava o lago de **Dörfli**; ao sul, para além do **Züge**, corria o **Landquart**, mesquinho, que torce depressa para o **Praettigau**, afim de ir banhar **Klosters** e todo o seu valle; entre o lago e o rio corria um riacho insignificante, miseravel, que o frio gelava no inverno, filete de água ridículo, que para nada servia; pois a população de **Davos**, guiada pelo seu **Curverein**, abalançou-se a alargar o leito do riacho invisivel, endireitou-o em longos lanços rectos, e estabeleceu entre o lago e o **Landquart** uma communição aberta e franca; o valle deixou de ser pântano e as casas de **Davos** de ter falta de esgotos, que daí por deante ficaram magníficos.

É certo que a população de **Davos** gastou no commettimento alguns milhõis de francos, mas é certo também que com isso conseguiu mostrar o que é a tal raça, quando lhe dá para se revelar . . .

Continuando a descer o valle, logo abaixo encontra-se **Frauenkirch**, povoação pequenina em frente da qual se abre o valle do **Sertig** e onde o pequenino riacho deste se lança no **Landwasser**, que agora até já se permite o luxo de ter assim afluentes, como um rio sério e grave; e logo adeante nós poderíamos encontrar ainda **Spina-Bad** e mais abaixo, depois de passar **Schmeizboden**, attingiríamos **Wiesen**, tendo percorrido uma estrada cheia de encantos; tam linda é, essa formosa fita de neve que o sol transforma numa fita de prata, que eu costume aconselhar os meus doentes a que, se o médico deixar, vam um dia

dar esse passeio e devorar em **Wiesen** um maravilhoso jantar no seu excellente hotel.

Tal é o percurso succinto do valle, que eu aponto aos meus doentes como o seu fiel alliado, e que altas montanhas rodeiam, por todos os lados, a dar-lhe protecção e amparo contra os ventos.

*

Na verdade, o valle de **Davos** goza a este respeito duma protecção escandalosa; e como os doentes de tuberculose, apontando o vento, podem bradar convencidos *voilà l'ennemi*, imagina-se bem como o valle se orgulha com a sua protecção, que não pode ser maior.

Ao norte, toda a cordilheira do **Rhaetikon**, que apenas o desfiladeiro do alto **Praettigau** separa de **Davos**, veda a passagem aos ventos boreais, com os seus 900 metros acima do valle; a léste, o **Seehorn** (1) erguido perpendicularmente sôbre o lago de **Dörfli**, tendo na sua encosta o excellente e caridoso sanatório do Cantão de **Bâle**, e mais abaixo o **Ischaalpen** (2), dam protecção magnifica; de oeste, de que **Davos** se approxima sensivelmente, o vento torna-se impossivel quasi pela grande montanha que o impede, e que tendo por pontos culminantes o **Schiahorn** (3) e **Schatzalp** (4), offerece ainda entre os dois o magnifico ponto de vista de **Strelaalp**, a caminho de **Strelapass**, de accesso facil, e ao sul de **Schatzalp** o famoso pas-

(1) 2242 metros.

(2) 1885 metros.

(3) 3713 metros.

(4) 1878 metros.

seio de **Gemsjäger**; ao sul a protecção é muito menor, porque as montanhas que a fornecem estão muito distantes, lá ao longe, com os píncaros do **Tinzenhorn**.

Pouco importa isso, porém, porque no inverno o vento sul em **Davos** é quasi desconhecido, por ser francamente excepcional; só no verão, para nós secundário, é que elle arrebatava tudo, violento, tomando a fórma do *foehn*; contudo nem então adquire a impetuosidade devastadora, que affecta noutros valles, nomeadamente no de **Ragatz**.

Para se fazer idéa dos ventos de **Davos**, no inverno de 1897-1898, basta ler os quadros seguintes:

NOVEMBRO DE 1897

Dias	Vento
1	Oeste moderado até ao meio dia.
2	Norte moderado até ao meio dia; fraco do meio dia ás duas. Rodou para leste ao meio dia, conservando os mesmos caracteres.
3	Norte até ao meio dia; roda para leste a esta hora, sempre moderado.
4	Oeste moderado até ao meio dia; fraco do meio dia ás duas, rodando para sul.
5	Sul até ao meio dia, moderado; ao meio dia roda para o norte, á uma para leste, cessando ás duas e sendo fraco nestas duas horas.
6	Sul em metade da manhã, moderado; leste na metade restante, moderado; roda para norte, fraco, até á uma hora; roda para leste até ás duas, fraco.
7	Oeste até ao meio dia, moderado; roda para norte e á uma para oeste, sempre fraco.
8	Norte até ao meio dia; leste daí por diante até á uma, começando moderado e acabando fraco.

Dias	Vento
9	Norte até ao meio dia; leste daí por diante até á uma, começando moderado e acabando fraco.
10	
11	Idem.
12	Sul moderado de manhã; roda ao meio dia para norte, fraco, e á uma hora para leste, fraco também.
13	Norte moderado até meio da manhã; leste moderado até ao meio dia.
14	Sul moderado até meio da manhã; leste moderado até ao meio dia.
14	Sul moderado até meio da manhã; leste até ao meio dia, moderado; novamente sul até á uma, fraco, e nordeste até ás duas, fraco.
15	Sul até meio da manhã, moderado; leste daí por diante, moderado até ao meio dia e fraco até á uma hora.
16	Sul moderado até ao meio da manhã; roda para oeste até ao meio dia, moderado.
17	Idem.
18	Norte moderado até ao meio dia.
19	Idem.
20	Norte moderado até ao meio dia; fraco até á uma e roda então para leste; fraco até ás duas.
21	Norte moderado até ao meio dia.
22	Norte moderado até meio da manhã; roda então para leste, moderado, até ao meio dia.
23	Idem.
24	Norte moderado até ao meio dia.
25	Sul do meio dia á uma, fraco; oeste da uma ás duas, fraco.
26	Norte moderado até meio da manhã; roda então para leste, moderado, até ao meio dia.
27	Norte moderado até meio da manhã; roda então para leste, moderado até ao meio dia.
28	Sul moderado até meio da manhã; roda então para leste, até ao meio dia, moderado; ao meio dia roda para norte, fraco, até á uma; á uma roda para leste, até ás duas, fraco.
29	Nullo.
30	Norte moderado até meio da manhã; roda então para leste, moderado.

DEZEMBRO DE 1897

Dias	Vento
1	Sul moderado até ao meio dia.
2	Norte moderado até ao meio dia.
3	Nulló.
4	Idem.
5	Norte moderado até meio da manhã; roda então para leste, moderado; ao meio dia cessa.
6	Norte moderado até ao meio dia.
7	Norte moderado até meio da manhã; roda para oeste, moderado; ao meio dia cessa.
8	Sul moderado até meio da manhã; roda para oeste, moderado; ao meio dia cessa.
9	Nulló.
10	Sul moderado até ao meio dia.
11	Norte moderado até ao meio dia; daí por diante, durante a tarde, fraco.
12	Norte moderado até ao meio dia; nullo durante a tarde.
13	Idem.
14	Sul moderado até ao meio dia.
15	Norte moderado até meio da manhã; oeste moderado até ao meio da tarde, cessando então.
16	Leste moderado até ao meio dia.
17	Norte moderado até meio da manhã; roda então para leste, até ao meio dia, hora a que cessa.
18	Leste moderado até ao meio dia.
19	Norte moderado até meio da manhã; roda para leste, moderado; ao meio dia cessa.
20	Idem.
21	Idem.
22	Idem.
23	Idem.
24	Idem.
25	Norte moderado até ao meio dia.
26	Idem.

Dias	Vento
27	Sul moderado até meio da manhã; roda para oeste, até ao meio dia, moderado.
28	Idem.
29	Norte moderado até meio da manhã; roda para oeste, moderado, até ao meio dia.
30	Sul moderado até meio da manhã; roda para oeste, moderado, até ao meio dia.
31	Idem.

JANEIRO DE 1898

Dias	Vento
1	Sul moderado até meio da manhã; roda para leste, moderado, até ao meio dia.
2	Norte moderado até meio da manhã; roda para leste, moderado, até ao meio dia.
3	Idem.
4	Oeste moderado até ao meio dia.
5	Idem.
6	Idem.
7	Nulla.
8	Leste moderado até ao meio dia.
9	Sul moderado até meio da manhã; roda para oeste até ao meio dia, moderado.
10	Oeste moderado até ao meio dia.
11	Sul moderado até meio da manhã; roda para oeste, moderado, até ao meio dia.
12	Idem.
13	Idem.
14	Idem.
15	Leste moderado até ao meio dia.

Dias	Vento
16	Sul moderado até meio da manhã; roda para leste, até ao meio dia, moderado.
17	Leste moderado até ao meio dia.
18	Sul moderado até meio da manhã; roda então para leste, até ao meio dia, moderado.
19	Norte moderado até meio da manhã; roda então para leste, até ao meio dia, moderado.
20	Idem.
21	Idem.
22	Idem.
23	Norte moderado até meio da manhã; roda para leste, moderado, até ao meio dia; roda novamente para norte, moderado, até meio da tarde; daí até á noite, moderado, sopra de leste.
24	Norte moderado até meio da manhã; roda para leste moderado, até ao meio dia; roda para o norte, fraco, até meio da tarde; roda para leste, fraco, até á noite.
25	Nullo até ao meio dia; norte fraco até meio da tarde; roda então para leste, fraco, até á noite.
26	Norte moderado até meio da manhã; roda para leste, moderado, até ao meio dia; roda para norte, fraco, até meio da tarde; roda para leste, fraco, até á noite.
27	Norte moderado até meio da manhã; roda para leste, moderado, até ao meio dia.
28	Norte moderado até ao meio dia.
29	Idem.
30	Norte, moderado, até meio da manhã; roda para leste, moderado, até ao meio dia.
31	Nullo até ao meio dia; norte fraco durante a tarde.

FEVEREIRO DE 1898

Dias	Vento
1	Sul moderado até meio da manhã; roda para éste, até ao meio dia, moderado.
2	Sul moderado até ao meio dia.
3	Nullo.
4	Idem.
5	Idem.
6	Leste moderado até ao meio dia.
7	Nullo.
8	Idem.
9	Idem.
10	Norte moderado até ao meio dia.
11	Idem.
12	Idem.
13	Norte moderado até meio da manhã; roda para leste, moderado, até ao meio dia.
14	Norte fraco durante a tarde.
15	Idem.
16	Sul moderado até meio da manhã; roda para oeste, moderado, até ao meio dia.
17	Norte fraco do meio dia ao meio da tarde; roda para leste, fraco, até á noite.
18	Nullo.
19	Norte fraco durante a tarde.
20	Sul moderado até ao meio dia.
21	Idem.
22	Sul fraco durante a tarde.
23	Norte fraco durante a tarde.
24	Norte moderado durante a manhã.
25	Norte moderado até meio da manhã; roda para leste, moderado, até ao meio dia; roda para norte, fraco, até meio da tarde; roda para leste, fraco, até á noite.
26	Oeste moderado durante a manhã.
27	Leste moderado durante a manhã.
28	Norte fraco do meio dia ao meio da tarde; roda para leste, fraco, até á noite.

E, para se fazer idéa dos caracteres gerais do tempo, no mesmo período, basta lêr também estes outros quadros.

NOVEMBRO DE 1897

Dias	Tempo
1	Sereno.
2	Idem.
3	Idem.
4	Idem.
5	Idem.
6	Idem.
7	Idem.
8	Idem.
9	Idem.
10	Idem.
11	Idem.
12	Idem.
13	Idem.
14	Idem.
15	Levemente encoberto.
16	Sereno.
17	Levemente encoberto.
18	Ennevoado.
19	Sereno.
20	Idem.
21	Idem.
22	Idem.
23	Idem.
24	Idem.
25	Ennevoado.
26	Sereno.
27	Ennevoado.
28	Sereno.
29	Ennevoado.
30	Levemente encoberto.

DEZEMBRO DE 1897

Dias	Tempo
1	Sereno.
2	Ennevoado.
3	Encoberto.
4	Idem.
5	Idem.
6	Levemente ennevoado.
7	Sereno.
8	Encoberto.
9	Levemente ennevoado.
10	Idem.
11	Encoberto.
12	Levemente ennevoado.
13	Sereno.
14	Idem.
15	Idem.
16	Idem.
17	Idem.
18	Idem.
19	Idem.
20	Idem.
21	Idem.
22	Idem.
23	Idem.
24	Idem.
25	Idem.
26	Idem.
27	Idem.
28	Idem.
29	Idem.
30	Idem.
31	Idem.

JANEIRO DE 1898

Dias	Tempo
1	Encoberto.
2	Idem.
3	Serenó.
4	Idem.
5	Levemente ennevoado.
6	Serenó.
7	Encoberto.
8	Serenó.
9	Ennevoado.
10	Levemente ennevoado.
11	Ennevoado.
12	Serenó.
13	Idem.
14	Idem.
15	Idem.
16	Idem.
17	Idem.
18	Idem.
19	Idem.
20	Idem.
21	Idem.
22	Idem.
23	Encoberto.
24	Ennevoado.
25	Idem.
26	Serenó.
27	Idem.
28	Idem.
29	Idem.
30	Idem.
31	Ennevoado.

FEVEREIRO DE 1898

Dias	Tempo
1	Encoberto.
2	Levemente ennevoado.
3	Encoberto.
4	Idem.
5	Idem.
6	Serenó.
7	Ennevoado.
8	Encoberto.
9	Idem.
10	Serenó.
11	Idem.
12	Idem.
13	Idem.
14	Encoberto.
15	Idem.
16	Idem.
17	Idem.
18	Idem.
19	Levemente ennevoado.
20	Idem.
21	Idem.
22	Serenó.
23	Encoberto.
24	Serenó.
25	Ennevoado.
26	Serenó.
27	Idem.
28	Encoberto.

Não mostram elles, que o alliado que aconselho aos meus doentes, vai apparecendo poderosamente e inegualavelmente coraçado?

*

Ao valle de Davos vêm desembocar um grande número de gargantas, que lhe dam communição para leste; assim como os grandes rios caudalosos, poderosas artérias de vivificação commercial, têm afluentes tributários, que secundariamente os auxiliam no exercício da sua função, assim o valle de Davos, maravilhoso logar de cura salvadora, tem valles accessórios que nelle vêm terminar para que os seus habitantes por elles possam penetrar e por elles possam ir admirar o oceano vasto de montanhas, que constituê os Alpes Grisões.

Seguindo de norte a sul, uma nota geral pode logo fazer-se: é que o valle é totalmente fechado por oéste enquanto que é generosamente servido por leste (1).

Ao norte, logo por deante do Seehorn, uma estrada magnifica permite-lhe percorrer o collo de Flüela, esse Flüelapass maravilhoso, que todos os encantos ornamentam, até o da morte, ás vezes, num relance trágico e súbito. A poucos minutos de

(1) Devo advertir o leitor de que em todas as referências cardeais que faço a respeito de Davos, supponho o observador voltado para o sul, o que, se não é de primorosa correção geográfica, tem a compensação de o manter constantemente voltado para o meio dia, para o sol triumphante e radioso.

caminho depára com uma tabolêta enorme onde caracteres salientes lhe apontam, num *Wasserfall* nítido, a verêda da cascata de *Flüela*; se fôr visitá-la, o habitante de *Davos* encontra um espectáculo soberbo: duma altura enorme a água precipitava-se límpida e borbulhante; mas o frio gelou-a, transformou-a em blocos de gelo espelhado, em maciços dum azul mavioso, e, em vez da água marulhante que ruía estrepitosa e cantante, o viajante vê attônito uma ladeira ingreme de neve, que num abraço arrojado une o sólo ao píncaro donde se despenha; pode passar por baixo della, pode atravessá-la a meio, pode rodeá-la e medí-la, pode mirá-la dum lado, pode beijá-la do outro; e, quando vá deixá-la para seguir a estrada de *Hospitz*, creia que não é capaz de fazê-lo sem voltar muitas vezes para trás o seu olhar aberto, num adeus saúdosamente repetido a esse logar encantado, onde a natureza lhe deu um dos mais magníficos espectáculos do seu poderio infinito.

Deve seguir ávante, por essa garganta de *Flüela* além; não terá de arrepender-se, porque vai ver montanhas majestosas, cobertas aqui e além, como as do Valle de *Davos*, até meia encosta, de espessas florestas de abétos e larícios; da floresta até ao alto a neve pura embranquece a montanha, numa alvinitência deslumbrante; pela estrada fóra encontra lances em que a vegetação não existe e onde a avalanche, ás vezes, faz ouvir o som rouco e sinistro da sua precipitação devastadora, tudo arrastando, tudo esmagando, tudo pulverizando horrorosamente na sua queda indomável e impetuosa; é a neve crúa, que, estremecendo enregelada ao acordar do seu somno lethárgico, tanto frio sente, tanto, tanto, que até ella bate os dentes; e então despenha-se, ainda estremunhada, como um tufão glacial pelo leito da sua montanha abaixo, para vir esmagar tudo o que encontra, sem haver

obstáculo que não vença : que obstáculos pode temer a neve alpina se ella é uma entidade triumphante, em tudo quanto collabora ?

Essa longa estrada sóbe sempre, em ascensão permanente, dando pontos de vista inesperados e imprevistos ; aqui, um grande despenhadeiro aterrador, que só de vê-lo assusta ; além um recorte de horizonte majestoso, que só de olhá-lo deslumbra ; mais adiante um píncaro altivo doirado pelo sol, que nelle inventa effeitos ignorados ; ou o tom rubro, candente, que os seus raios vermelhos dam á neve, a qual parece então o esbrazado dôce do **alpenrose** ou o tom celeste, dulcíssimo do **alpenblau**, que os seus raios azues refractam no gêlo de blocos grandiosos, que então parecem saphíras dum tamanho colossal.

Deliciosa estrada essa, que a todos os meus doentes, que vam a **Davos**, aconselho que percorram, quando possam ter a ventura de obter do seu médico a licença indispensavel.

Por ella chegarám até **Flüela Hospitz**, a 2400 metros, onde um bom hotel os nutre ; e, se fizerem ainda um pequeno percurso de vinte minutos, terám a seus pés o maior deslumbramento da sua vida : esse oceano vasto de montanhas, de que lhes falei, onde a vista mais aguda jámais alcançou limites, e que lhes apparecerá como um infinito tapête de jaspe estendido submisso a offercer-se-lhes ; dai alcançam, simultaneamente, toda a baixa **Engadine**, para o norte, lá para os lados da Austria, até **Finstermuntz**, até **Pfunds**, e toda a alta **Engadine**, para sudoeste, lá para as bandas da Itália, até **Samaden**, até **S.¹ Moritz-Bad**, até **Silvaplana** ; se um dia experimentarem esse famoso panorama, creiam que ham de agradecer-me ; o que é essencial é que não corram para elle sem ordem expressa do seu médico em **Davos**.

Não provém a minha recommendação dum medo excessivo pelos 2400 metros de Flüela-Hospitz, ponto culminante da estrada; provém da necessidade imperiosa, a que todo o doente em Davos deve julgar-se obrigado, de obedecer cegamente ao seu médico e de não commetter a mais ligeira imprudência sem previamente lhe prestar homenagem; e com tal magnitude ao meu espirito de médico esta necessidade se impõe, que mais duma vez, por estas páginas fóra, ella ha de ser lembrada...

De resto, os 2400 metros de Hospitz sam um tónico precioso, que nenhum abalo sério produzem; o leitor pode vêr no quadro abaixo as observações feitas a 27 de janeiro de 1898 por dois médicos, que estiveram em Flüela com alegre e ruidosa companhia, e que fôram meticolosos nos seus exames.

Estes incidiram sôbre osapparelhos circulatório e respiratório duma caravana, que nessa fria manhã fez a *course* de Davos até Hospitz; todas as pessoas que a compunham chegaram em óptimo estado geral, sem o menor resentimento subjectivo; talvez uma só correcção tenha de fazer-se a esta última affirmção, pelo que respeita á fome: era uma coisa extraordinária; nunca vi devorar assim. Fóra disso a tonalidade geral da caravana era excellente e as medidas da sua actividade circulatória e respiratória fôram effectuadas deste modo:

O pulso contava-se nas carótidas, na radial e na cubital; faziam-se 3 séries de minuto em cada ponto isoladamente e outras 3, de minuto também, examinando simultaneamente as artérias homólogas dos dois lados. As observações fôram feitas primeiro por mim, contando o tempo no chronómetro o dr. LEVENNE; depois trocámos os papéis; do conjunto tiráram-se as médias, que o quadro encerra. A observação na crural não pôde fazer-se, apesar das vivas instâncias do LEVENNE, que a achava extrêma-

mente facil; na opinião delle nem os homens, nem as senhoras precisavam de expôr-se ao frio, para o effeito . . . Mas eu oppús-me terminantemente. A contagem dos cyclos respiratórios fazia-se por inspecção.

Eis os resultados, por minuto:

Doentes	Revoluções cardíacas	Cyclos respiratórios
M. ^r G., de O.....	78	48
Dr. B., de L.....	75	48
M. ^{me} B., de L.....	80	47
M. ^{lle} B., de L.....	84	49
M. ^r D., de P.....	80	48
G., de B.....	78	48
G., de F.....	75	47
M. ^{lle} C., de C.....	76	47
Dr. L., de NY.....	90	49
Dr. P., de C.....	86	49

*

Logo abaixo do valle de **Flüela**, e parallelo a elle, corre o valle do **Dischma**, com um pequeno regato que vai lançar-se ao **Landwasser**, em **Dörfli**; nenhum interesse offerece, essa garganta estreita e escura, e nenhuma attenção merece dos doentes; outro tanto não digo eu do valle seguinte, já distante,

que vem terminar ao extremo norte de Platz, em frente a **Frauenkirch**, e que toma o nome de **Sertig** do pequeno riacho que o banha.

Esse permite-se aspirar a ser uma estação de cura e principia a ter installaçõis em **Clavadel**.

Modestísimas, essas installaçõis, mêsmo de quem começa: um hotel muito regular, muito confortavel, — **Curhaus Clavadel**, — com 28 quartos, já com sala de bilhar e já com dependência: a villa **Belleuve**, que dispõi ainda de 6 ou 8 quartos; fóra disso, apenas as villas **Erica** e **am Hof**, insignificantes, occupam o valle.

Ha muitos doentes que gostam de **Clavadel**, tanto que a incipiente estação arrisca-se a crescer; e como ella dista apenas 30 minutos de caminho de **Davos** e tem, portanto, accesso facil, é possível que dentro de poucos annos o valle do **Sertig** seja muito visitado.

Merece-o? Não o merece?

O valle do **Sertig** é uma paisagem formosíssima; como a do valle de **Davos**, uma e outra podem considerar-se o typo da paisagem alpina rhética; de **Clavadel** a **Davos** desce-se numa estrada vertiginosa, pelo meio duma floresta frondosa, estrada que lá está sempre como uma tentação para quem uma vez prove os prasêres do **tobbogang**; é uma tentação perigosa, não ha dúvida, mas vale a pênna a gente arriscar-se, porque, assim para matar o vício, não ha melhor; se se passa a margem da estrada lá vai tudo, e temos depois que vêr; é coisa muito séria, de pôr mêdo; o dr. **COPPEN JONNES** partiu lá uma vez um braço; mas seja assim ou não o que é certo é que **Clavadel** nos apparece mais elevado do que **Davos**, a 1664 metros.

O **Sertig** é fortemente illuminado, e o sol que o illumina claríssimo; muitas vezes em **Clavadel** via ainda o luminoso

astro, quando, para Davos, elle tinha morrido já; e a differença não era tam pequena, que não attingisse por aí a sua hora ou perto disso.

Uma das sensaçõis mais vivas que experimentei no Sertig, e muitas vezes, foi um aquecimento notavel; subia sempre o caminho de trenó, para o descer de tobogang; fazia, portanto, a viagem sem esforço; apesar disso, apenas chegado a Clavadel, sentia calor, positivamente, fôsse pelo que fôsse. É natural que o facto me impressionasse, e, levado por elle, tratei de apurar com rigor as temperaturas do mês de janeiro de 1898, diáriamente tomadas; os resultados fôram os do quadro seguinte:

JANEIRO DE 1898

Temperaturas de Clavadel, em gráus centígrados

Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima
1	2	-1	12	5,5	-4	22	6	-5
2	2	-2	13	4	-3	23	2	-2,1
3	2	-5	14	5	-2	24	2	-7
4	4	-3	15	4	-3	25	0,8	-6
5	8	-1	16	4	-4	26	4,5	-6
6	8	-0,2	17	3	-5	27	4	-6,8
7	8	-0	18	4	-4	28	4	-6,6
8	3	-1	19	3	-5	29	5	-4
9	8,5	-2	20	4	-6,5	30	5	-4
10	4	-2	21	4	-7	31	0	-4
11	4	-4						

Fazendo seguir a observação nos primeiros dias de fevereiro, os resultados fôram ainda os seguintes :

FEVEREIRO DE 1898

(seis primeiros dias)

Temperaturas de Clavadel, em gráus centígrados

Dias	Máxima	Mínima
1	0,2	— 5
2	4	— 3
3	0	— 8,3
4	0	—10
5	0	—13,1
6	0	—15,5

O último dia que estive em Clavadel foi a 6 de fevereiro; e, associando estes resultados, julguei poder formular a inducção seguinte: a temperatura do valle do Sertig é constantemente superior á do valle de Davos; e o leitor será comigo na minha conclusão se comparar os resultados que lhe dou aqui com os quadros adeante expressos das temperaturas de Davos.

Nó Sertig observei ainda outro facto digno de nota: uma limpidez absoluta da atmospherá, a todas as horas do dia; nem a mais leve mancha lhe embacia a transparência puríssima. Ora em Davos não succede assim. Em Davos ha fumo, e ha immenso fumo; não é, sem dúvida, permanente; é fugaz, ligeiro e ephemero; mas é immenso. Ha sobretudo duas horas do dia — das 7 ás 8 da manhã e das 6 ás 7 da tarde — em que a fumarada é enorme. Porquê?

Por duas razões simples: aquella hora da manhã corresponde ao accender de todas as cozinhas, para aquecer o leite e começar a factura dos pequenos almoços; e aquella hora da tarde corresponde á serenidade máxima da atmosphera de Davos.

Ora, em Davos, ha como fontes de fumo actualmente, além de todas as casas, a estação do caminho de ferro com as suas officinas; é um inimigo terrivel, essa maldita estação, que concorre poderosamente para este defeito gravissimo de Davos, que foi o maior, o máximo, que lhe encontrei. É verdade que não ha formosa sem senão; mas é verdade também que este senão de Davos, precisa de remédio prompto: dar-lho'hão?

Seguramente. Já a luz eléctrica, de que logo falaremos, foi um passo; já o estabelecimento, que progressivamente alastra, do aquecimento a vapor vai sendo outro; para se alcançar a perfeição, falta cozinhar por electricidade, e isso virá a seu tempo; e para já, para intervenção immediata, a estação maléfica vai ficar sem officinas, que vam ser removidas para longe, lá para o inferno, porque a via Chur-Davos vai prolongar-se até S.^l Moritz, no traçado de linha férrea mais complicado e mais caro, de maior arrôjo e audácia, que até agora se tem feito; é que nisto, e em tudo, para os males de occasião e para os intercurrentes, a tal raça está sempre vigilante, a revelar-se.

Porque será, entretanto, que o fumo só a essas horas é intenso? Em virtude de razões que não quero aqui expôr, para não consumir o leitor; teria de fazer-lhe uma forte exposição geológica, de o martyrizar, que reclamava um estudo profundo da geologia de Davos; o leitor veria nella um resultado de o surprehender talvez: é que o fumo de Davos desaparece constantemente para o sul do valle, e desaparece depressa a todas as horas, menos aquellas, *por causa da composição dos terrenos de*

Davos; e veja se daqui depreheende como o estudo duma estação de altitude é pavorosamente difficil . . .

Mas, seja como fôr e seja pelo que fôr, a verdade é que no Sertig nunca vi fumo e recolhi do facto a impressão profunda, que elle devia causar-me; e assim sem fumo, com maior elevação que Davos, com mais sol que Davos, com temperatura mais alta que Davos, o valle do Sertig apparece-nos armado de ponto em branco, se o leitor me não julgar pr'aquí um gabarola a quem deu para sympathizar com o pittorêscio sitio. Se tal julgasse arrepender-se-hia depressa, porque, apesar de tudo que lhe venho dizendo, vou communicar-lhe a minha conclusão ácêrca de Clavadel: tenha o futuro que tiver, nunca doente meu o aproveitará.

E procedo com acêrto. Sabe o leitor porquê? Porque em todos os dias que estive no Sertig, fôsse de manhã ou de tarde, fôsse mais acima ou mais abaixo, nunca deixei de lá encontrar vento; o valle cai sobre o de Davos em ângulo agudo aberto para léste, de modo que a sua protecção em nada se compara ao escândalo havido para com Davos; os doentes de Clavadel com quem falava, e alguns já ha muito por lá andavam, confirmáram sempre a minha observação; nem de dia nem de noite o vento deixava de sentir-se; ás vezes fraquissimo, é certo, quási sempre norte, mas constante; os doentes de Clavadel podem permanentemente bradar o *voilà l'ennemi*; e para o leitor ajuizar quanto detesto esse veneno assassino e vil, basta que lhe diga que depois de ter passado muitas horas pasmado no meio das montanhas do Sertig, concentrado e só, a mirar-lhe o sol, a experimentar-lhe a temperatura, a medir-lhe a duração solar, a admirar a pureza da atmosphaera e a sorver-lhe o ar subtil — concluí por fim isto: Nada, nunca mandarei para aquí doente algum.

E, descendo ou subindo a ravina que me levava ao **Curhaus**, — no **Sertig** não ha um único passeio plano — ia no conforto do elegante hotel alagar-me em tarraçadas de leite ou de cerveja, e dizer graçolas atrapalhadas á linda moça que m'as servia; e creia o leitor que era isso coisa muito de embaraçar, porque o demónio da rapariga tinha uns dentes, que pareciam um verdadeiro sarcasmo á neve, os malditos, e faziam-me uma tal afflicção, que nem me quero lembrar delles . . .

Davos tem sol bastante e não precisa de ter invejas aos valles seus vizinhos; ha em **Davos** séries de dias seguidos em que o astro radioso nunca falta ao *rendez-vous* do passeio dos doentes; e, para se fazer idéa de como elle é uma visita affectuosa, registo nos quadros seguintes, o número de horas de sol de cada dia dos dois ultimos menses de 1897 e dos dois primeiros de 1898.

NOVEMBRO DE 1897

Número diário de horas de sol

Dias	Horas	Dias	Horas	Dias	Horas
1	5 1/2	11	5 1/2	21	5 1/2
2	5 1/2	12	5 1/2	22	5 1/2
3	5 1/2	13	5 1/2	23	5 1/2
4	6	14	5 1/2	24	4
5	5 1/2	15	4	25	0
6	5 1/2	16	6	26	4
7	6	17	4 1/2	27	0
8	6	18	4	28	5 1/2
9	6	19	5 1/2	29	4
10	5 1/2	20	5 1/2	30	3

DEZEMBRO DE 1897

Número diário de horas de sol

Dias	Horas	Dias	Horas	Dias	Horas
1	$\frac{1}{2}$	12	3	22	6
2	2	13	$\frac{1}{2}$	23	$\frac{1}{2}$
3	0	14	$\frac{1}{2}$	24	5
4	0	15	$\frac{1}{2}$	25	6
5	0	16	5	26	6
6	$3\frac{1}{2}$	17	$\frac{1}{2}$	27	6
7	$\frac{1}{2}$	18	6	28	6
8	0	19	6	29	6
9	3	20	6	30	$\frac{1}{2}$
10	3	21	6	31	$\frac{1}{2}$
11	1				

JANEIRO DE 1898

Número diário de horas de sol

Dias	Horas	Dias	Horas	Dias	Horas
1	0	12	$5\frac{1}{2}$	22	6
2	$5\frac{1}{2}$	13	5	23	$0\frac{1}{2}$
3	$5\frac{1}{2}$	14	6	24	$2\frac{1}{2}$
4	$\frac{1}{2}$	15	6	25	$1\frac{1}{2}$
5	$\frac{1}{2}$	16	6	26	5
6	0	17	6	27	$5\frac{1}{2}$
7	5	18	6	28	$6\frac{1}{2}$
8	2	19	6	29	$6\frac{1}{2}$
9	$\frac{1}{2}$	20	6	30	5
10	$2\frac{1}{2}$	21	6	31	$2\frac{1}{2}$
11	5				

FEVEREIRO DE 1898

Número diário de horas de sol

Dias	Horas	Dias	Horas	Dias	Horas
1	0 1/2	11	4 1/2	20	5
2	4	12	5 1/2	21	5 1/2
3	0	13	5	22	6
4	0 1/2	14	0	23	0
5	5 1/2	15	0	24	5
6	5 1/2	16	0	25	2
7	3	17	0	26	6
8	0	18	0	27	7
9	0	19	4	28	1 1/2
10	5 1/2				

Os quadros immediatos dam a intensidade calorifica máxima dos raios solares, no mesmo periodo, expressa em gráus centígrados.

Intensidade calorifica máxima dos raios solares em Davos, expressa em gráus centígrados, no mês de novembro de 1897

Dias		Dias		Dias	
1	45	11	45	21	40
2	45	12	40	22	40
3	45	13	45	23	40
4	45	14	45	24	40
5	45	15	40	25	35
6	45	16	40	26	30
7	45	17	40	27	25
8	45	18	40	28	45
9	45	19	40	29	30
10	45	20	40	30	40

Intensidade calorífica máxima dos raios solares em Davos,
expressa em graus centígrados, no mês de dezembro
de 1897

Dias		Dias		Dias	
1	35	12	35	22	35
2	35	13	35	23	30
3	10	14	35	24	30
4	10	15	35	25	30
5	25	16	35	26	30
6	40	17	35	27	30
7	35	18	35	28	30
8	10	19	35	29	35
9	45	20	35	30	35
10	35	21	35	31	35
11	45				

Intensidade calorífica máxima dos raios solares em Davos,
expressa em graus centígrados, no mês de janeiro
de 1898

Dias		Dias		Dias	
1	28	12	37	22	37
2	25	13	37	23	40
3	35	14	37	24	37
4	35	15	40	25	37
5	40	16	40	26	37
6	40	17	37	27	37
7	37	18	37	28	37
8	37	19	37	29	37
9	40	20	37	30	35
10	37	21	37	31	35
11	37				

Intensidade calorífica máxima dos raios solares em Davos,
expressa em grãos centígrados, do mês de fevereiro
de 1898

Dias		Dias		Dias	
1	25	11	40	20	45
2	45	12	45	21	45
3	22	13	45	22	45
4	28	14	25	23	45
5	40	15	45	24	45
6	40	16	25	25	45
7	45	17	45	26	50
8	48	18	45	27	45
9	48	19	45	28	45
10	35				

*

Como se vê, os doentes têm, em tórno de Davos, muito por onde passear; basta só que o médico deixe. Em Davos mesmo os passeios que a montanha de Schatzalp offerece, como os de Gernsjäger, sam deliciosos; a montanha é coberta de florestas; os caminhos sam suavemente inclinados; de ponto a ponto indicadores fixados no solo mostram a elevação effectuada, o tempo a gastar e a distância a percorrer para attingir qualquer lugar que se tenha em vista; a pequenos intervallos bancos de jardim offerecem ensejo dum repouso benéfico ao sol acariciador; mais

aqui, mais além, um pequeno *kiosque* apparece, até com mēsas, para a gente se abrigar num pouco de sombra; ha quem vá para esses pittorêscos abrigos lêr os seus jornais, folhear os seus livros e fazer até a sua correspondência; mais duma vez mesmo porventura lá se terám encontrado olhares silenciosos, sob a vigilância terrível das mamãs, que, em Davos, como em toda a parte, sam duma ferocidade insupportavel...

Esses passeios concorrem poderosamente para a cura, pelo exercício thorácico lento e progressivo que determinam; mas, assim como sam um remédio precioso, podem também ser um perigo irremediavel; sam espada de dois gumes, com que é preciso esgrimir sempre sob a direcção pautada do médico assistente. Permittindo elle a ascensão, o doente deve aproveitá-la para ir até *Gemsjäger* vêr a neve doida fazer maravilhas de loucura fantasista pelas guellas do terreno e para chegar até *Schatzalp*, ao restaurante, a afogar-se no leite mais delicioso do mundo; subirá sôbre neve, sem vêr palmo de terra; mas não tema o frio; na montanha de Davos o sol dá um aquecimento tal, por motivos que não vêm para aqui, que muitas vezes o doente ha de tirar o seu *pardessus*, pô-lo no braço e seguir aquecido como no nosso maio ou junho; a temperatura no valle não é tam alta: entretanto, a intensidade calorífica dos raios solares, que lhe mostrei, prova-lhe que em muitas horas do dia, em Davos, o frio não deve existir; e para ter do assumpto um conhecimento mais perfeito, vou dar-lhe aqui as temperaturas diárias da atmosphaera de Davos nos quatro mēses em que a experimentei, esquadrinhador e mettediço.

Temperaturas do mês de novembro de 1897 em Davos,
expressas em gráus centígrados

Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima
1	12	-5	11	8,5	-6	21	8	-4,5
2	10	-5	12	7,5	-5	22	7,5	-5
3	10	-2	13	10	-2,5	23	8	-6
4	9	-1,5	14	10,5	0	24	7	-3,5
5	11	-2	15	9	0	25	0	-14,6
6	11	-2	16	11,5	-1,5	26	0	-13,5
7	11	-2	17	9	-1	27	1	-4
8	11	-3	18	9	-1,5	28	6,5	-5
9	11	-4	19	10	-2	29	1,5	-8
10	9,5	-5	20	8	-4	30	0	-14,4

Temperaturas do mês de dezembro de 1898 em Davos,
expressas em gráus centígrados

Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima
1	0	-11	12	0	-7	22	0	-16,5
2	0	-7	13	0,5	-7	23	0	-16
3	0	-10	14	2	-5,5	24	0	-15,5
4	0	-11	15	1	-6	25	0	-16
5	0	-8	16	1,5	-7	26	0	-14
6	1,5	-8,5	17	1	-8,5	27	0	-14
7	0	-8,5	18	0,2	-11,5	28	0	-13
8	2	-2	19	0	-12	29	0	-11
9	0,5	-7	20	0	-16	30	3,5	-2
10	0	-8	21	0	-17	31	4,5	0
11	0	-7						

Temperaturas do mês de janeiro de 1898 em Davos,
expressas em grãos centígrados

Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima
1	5	- 1,5	12	0	- 7,6	22	1,8	- 8
2	0	- 3,5	13	0	- 7,2	23	0,7	- 4,5
3	0	- 8	14	1,5	- 7,5	24	1,9	- 4,5
4	0	- 7	15	0,8	- 9,2	25	0,3	- 8,2
5	5	- 4,5	16	0	- 9,4	26	0,4	- 8
6	6,5	- 3	17	0	- 9,2	27	0	- 9
7	6	0	18	0	- 10,3	28	0	- 7,5
8	2	- 4	19	0	- 11,3	29	1,2	- 8,2
9	7	- 4,5	20	0	- 8,5	30	1,3	- 2,4
10	1,5	- 7,5	21	0	- 2	31	2,2	- 3,5
11	1,8	- 7,3						

Temperaturas do mês de fevereiro de 1898 em Davos,
expressas em grãos centígrados

Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima	Dias	Máxima	Mínima
1	0	- 5,5	11	0	- 8,8	20	0,8	- 11,2
2	11	- 7	12	0,8	- 15,2	21	4	- 5
3	0	- 8,3	13	2,1	- 1,2	22	5	- 3,2
4	0	- 10	14	0	- 4,8	23	0	- 5,5
5	0	- 12	15	0,5	- 5	24	0	- 16
6	0	- 13	16	2,4	- 3,8	25	0	- 3
7	0	- 9	17	0	- 5,2	26	6	- 4
8	0	- 11,2	18	0	- 5	27	2	- 7
9	0	- 11	19	0	- 13,3	28	0,1	- 6
10	0	- 19						

Ha de parecer-lhe talvez, comparando bem a sensação de calor havida em Davos com o gráu thermométrico baixissimo em certos dias observado, que a affirmação contradiz os resultados instrumentais; engana-se, porque essa contradicção é toda apparente, nada real; em Davos, com muitos gráus negativos, tem-se um calor enorme! Bem lhe digo eu que o valle fornece surprêsas imprevistas, paradoxos phenomenais. Quer saber a que é devido este? É á neve purissima, á neve immaculada, que constitue a grande força do valle seu alliado. O sol, dardejando sôbre ella, reflecte-se tantas e tantas vezes naquelle espelho de mil faces, que multiplica ao infinito os seus raios de calor; nós absorvêmo-los, tendo na sensação de bem estar correspondente um dos maiores beneficios dessa neve casta e sonhadora, cujos sonhos brancos sam uma revoada de graças; também por isso ella é adorada; também por isso os doentes têm por ella um respeito mysterioso, cuja génese não explicam, mas que sentem no íntimo da sua alma; por isso, para a calcarem, calçam-se da borracha mais impermeavel, que todo o ruído evita e toda a aggressão amortece; não fôssem elles maguá-la, á pobre neve innocente; e o seu respeito mystico por ella é tamanho e tam vivo que não ha doente em Davos que não tenha o seu escarrador de algibeira, para não escarrar em cima daquella alvinitência; qual de entre elles seria capaz de ter audácia bastante para commetter esse sacrilégio? Se algum o fizesse era necessário inventar um castigo novo e fantástico para lhe ser applicado.

A impressão que no meu espirito produziu essa veneração, tam encantadora, foi de tal grandeza, que assentei de mim para mim nunca observar doente algum tuberculoso sem vir munido desse traste providente; e se não quizer tê-lo ha de procurar médico, porque eu não saberei tractá-lo.

Vê o leitor como o valle possuê recursos de infinito poder? É capaz de sonhar um alliado mais generoso? Pois elle dispõi ainda doutras incógnitas preciosas.

*

Para a doença que fundamentalmente o leitor pode e deve curar em Davos, o ar húmido é uma coisa inconveniente e perigosa. Creia que lhe digo a verdade. É certo que se o leitor fôsse lido nestes assumptos havia de ter ouvido falar em certo estabelecimento da Allemanha, Falkenstein, que o patriarcha **DETWEILER** fundou e dirigiu, onde se dá pouca importância ao ar nevoento; não se importe com isso e vá comigo na verdade que lhe exprimi. Pois o leitor vai talvez surprehender-se se lhe disser que o ar de Davos é abundantemente provido de vapor. E ainda lhe digo a verdade, creia. Todavia, também lhe affirmo, mui serêno, que, apesar disso, essa humidade nada vale, nenhuma importância tem e é como se não existisse. Pondo-me a lançar paradoxos é isto que vê; mas esclareço-lhos para o leitor se não zangar comigo. Quer vêr a explicação deste? Pois eu lha dou:

Em Davos a humidade absoluta do ar é pouco notavel; mas a relativa attinge *sempre* um valor elevado, o que é altamente pernicioso; ha, porém, *sempre* um coëfficiente de correcção, que lhe annulla completamente a nocuidade. É a baixeza da temperatura, que fazendo o ar excessivamente frio, o faz equivaler a um ar excessivamente sêcco; imagine um ar exterior a 3 ou 4 grâus abaixo de zero; supponha-o mesmo, á vontade, saturado de humidade; imagine-o penetrando nas vias pulmonares por inspiração e transferido assim para uma temperatura de 39 a

40 gráus; a distensão que elle soffre por effeito thérnico nas vesículas pulmonares é tam notavel, que a tal humidade relativa de saturação fica uma coisa ridicula, de que a gente se ha de rir ainda que não queira; e aí tem o leitor como o valle possuê um ar húmido, que para o seu *desideratum* funciona como sêcco e daí lhe vem uma evaporação pulmonar activa, uma diminuição enorme das secreções alveolares, uma drenagem pulmonar permanente, uma tonicidade máxima do parenchyma dos seus pulmões, uma actividade cicatrizante inesperada para as suas ulcerações; creia o leitor, que com um ar assim não ha caverna, que não cure.

Não estará convencido ainda da omnipotência do seu alliado? Pois, para não suppôr que o engano, vou-lhe dar aqui os valores dessa cómica humidade, nos quatro menses do meu estudo, por meio dos quadros seguintes:

**Valor máximo da humidade relativa do ar de Davos,
em novembro de 1897**

Percentagens para o ponto de saturação

Dias		Dias		Dias	
1	90 %	11	100 %	21	98 %
2	78 %	12	83 %	22	88 %
3	85 %	13	100 %	23	100 %
4	100 %	14	90 %	24	92 %
5	98 %	15	90 %	25	94 %
6	100 %	16	100 %	26	100 %
7	88 %	17	90 %	27	100 %
8	100 %	18	100 %	28	100 %
9	100 %	19	98 %	29	100 %
10	90 %	20	100 %	30	100 %

Valor máximo da humidade relativa do ar de Davos,
em dezembro de 1897

Percentagens para o ponto de saturação

Dias		Dias		Dias	
1	100 %	12	95 %	22	94 %
2	100 %	13	95 %	23	99 %
3	100 %	14	95 %	24	88 %
4	98 %	15	100 %	25	88 %
5	100 %	16	100 %	26	88 %
6	100 %	17	88 %	27	90 %
7	100 %	18	88 %	28	90 %
8	95 %	19	90 %	29	90 %
9	100 %	20	90 %	30	84 %
10	90 %	21	88 %	31	90 %
11	98 %				

Valor máximo da humidade relativa do ar de Davos,
em janeiro de 1898

Percentagens para o ponto de saturação

Dias		Dias		Dias	
1	80 %	12	90 %	22	100 %
2	100 %	13	90 %	23	90 %
3	100 %	14	90 %	24	100 %
4	80 %	15	80 %	25	100 %
5	85 %	16	85 %	26	94 %
6	90 %	17	82 %	27	90 %
7	100 %	18	82 %	28	90 %
8	95 %	19	90 %	29	90 %
9	98 %	20	80 %	30	90 %
10	95 %	21	90 %	31	90 %
11	95 %				

Valor máximo da humidade relativa do ar de Davos,
em fevereiro de 1898

Percentagens para o ponto de saturação

Dias		Dias		Dias	
1	98 %	11	98 %	20	98 %
2	88 %	12	99 %	21	90 %
3	98 %	13	99 %	22	100 %
4	100 %	14	100 %	23	100 %
5	90 %	15	98 %	24	100 %
6	90 %	16	100 %	25	100 %
7	90 %	17	100 %	26	100 %
8	98 %	18	100 %	27	98 %
9	92 %	19	95 %	28	98 %
10	89 %				

Valor máximo absoluto da humidade do ar de Davos,
em novembro de 1898

Tensão em millímetros de mercúrio

Dias		Dias		Dias	
1	4	11	3,5	21	3,8
2	3,5	12	3,4	22	3,9
3	3,8	13	4,1	23	3,8
4	4,8	14	5	24	3,8
5	5,9	15	4,9	25	3,8
6	5,2	16	7	26	3
7	5,4	17	5	27	4,2
8	5,3	18	5,5	28	5
9	3,8	19	5,5	29	5
10	4	20	4,9	30	3,4

Valor máximo absoluto da humidade do ar de Davos,
em dezembro de 1897

Tensão em millímetros de mercúrio

Dias		Dias		Dias	
1	4	12	3,2	22	1,9
2	3,4	13	4	23	2,3
3	3,8	14	3,9	24	2,4
4	3,2	15	3,9	25	2,2
5	3,9	16	3,9	26	3,2
6	2	17	3,8	27	3
7	5	18	2,8	28	2,5
8	5,2	19	2,8	29	2,3
9	3,3	20	2,6	30	3,8
10	2,5	21	1,9	31	4,7
11	3,5				

Valor máximo absoluto da humidade do ar de Davos,
em janeiro de 1898

Tensão em millímetros de mercúrio

Dias		Dias		Dias	
1	3,8	12	3,1	22	3,7
2	3,8	13	2,9	23	4,4
3	3,8	14	3,3	24	3,1
4	2,8	15	2,8	25	4
5	3,4	16	2,8	26	3,5
6	4,5	17	2,6	27	2,6
7	6,4	18	3,8	28	2,6
8	3,4	19	2,8	29	3,3
9	4,8	20	2,4	30	3,6
10	3,9	21	2,6	31	4,7
11	3,7				

Valor máximo absoluto da humidade do ar de Davos,
em fevereiro de 1898

Tensão em millímetros de mercúrio

Dias		Dias		Dias	
1	4	11	2,5	20	3
2	4	12	3	21	3,5
3	3,9	13	2,4	22	3,4
4	3,5	14	3,9	23	3,8
5	2,8	15	3,8	24	2,8
6	2,8	16	4,5	25	3
9	4	17	3,3	26	4,2
8	2,4	18	3,4	27	3,3
9	2,8	19	2,2	28	3,5
10	2,2				

Bem vê que era verdade o que eu lhe dizia, afirmando-lha elevada; pois também é verdade o resto. Um dia um cliente meu, ao passar pelo dr. LUCIUS SPENGLER, disse-lhe exquisto: — Parece-me o ar hoje muito húmido, doutor.

— Pois faça a cura, porque isto aqui, mesmo que chovesse, era sêcco.

E foi-se embora, a rir, sempre galhofeiro.

*

Como o leitor deve ter notado fui simplesmente verdadeiro quando lhe aponteí o valle de Davos, como seu fiel alliado; vê que nelle se congregam encantos da natureza maravilhosos e

condições de vitalidade nunca vistas; disso deve estar convencido, mas se, em vez de julgá-lo, se resolver a experimentá-lo, então ha de sentir nas suas impressões uma intensidade tam viva, que a sua expectativa será ainda excedida; bem envolto na mais fina lã, que deve cobrir todo o seu corpo, se mergulhar na atmosphera de Davos, banho de ar, que lhe corta a febre, ha de suppôr-se transportado a um logar eleito para o avigoroamento da carne e para a tonificação do espirito; no seio d'aquelle ar finissimo, isento de toda a culpa e de toda a mácula, a gente parece que resuscita, como a noiva do poeta,

— Desopprimindo o suffocado peito —

Leve e ligeiro, penetrante e subtil, é quasi voluptuoso, na sua transparência luminosa, no seu azul profundo, meigo e adoravel. Bendito seja elle, esse ar celeste, cuja leveza vaporosa eu vou mostrar-lhe, se a quisér vêr, para reconhecer que não minto, nos quadros agora insertos:

Pressão atmosphérica em Davos,
reduzida a 0^oc, no mês de novembro de 1897

Dias	Números máximos	Dias	Números máximos	Dias	Números máximos
1	639	11	638,2	21	642,5
2	633,5	12	637,6	22	644,4
3	632	13	633	23	643,5
4	638,5	14	631,8	24	634
5	638,8	15	540	25	630
6	638	16	640	26	635,5
7	638	17	641	27	635,8
8	639	18	641,5	28	630
9	637,8	19	642,3	29	644,7
10	638,8	20	641,5	30	627

Pressão atmosférica em Davos, reduzida a 0^o,
no mês de dezembro de 1897

Dias	Números máximos	Dias	Números máximos	Dias	Números máximos
1	628	12	631,5	22	638,5
2	624,2	13	633,4	23	637,8
3	626	14	633,8	24	336,2
4	627,5	15	637,6	25	639,9
5	629	16	639	26	640,5
6	634	17	640	27	640,5
7	635	18	639,2	28	637,5
8	630	19	637,5	29	637
9	625,5	20	634,2	30	632
10	624,8	21	636,8	31	526,8
11	631,6				

Pressão atmosférica em Davos, reduzida a 0^o,
no mês de janeiro de 1898

Dias	Números máximos	Dias	Números máximos	Dias	Números máximos
1	624,5	12	643,3	22	640,4
2	636	13	642,3	23	640,2
3	640	14	642,6	24	639,6
4	640,1	15	643,1	25	639,8
5	637,2	16	643,1	26	639,5
6	536	17	640	27	640
7	633	18	41,5	28	643,1
8	633	19	641,6	29	644,7
9	630,5	20	641,1	30	644,2
10	637	21	641,2	31	635,8
11	641,3				

**Pressão atmosphérica em Davos, reduzida a 0^oc,
no mês de fevereiro de 1898**

Dias	Números máximos	Dias	Números máximos	Dias	Números máximos
1	639,9	11	636,4	20	619
2	635	12	636,8	21	618,8
3	625,5	13	636	22	615,8
4	616,6	14	638,9	23	624,5
5	615,9	15	639	24	630,8
6	630	16	436	25	633
7	626,8	17	627,8	26	632,5
8	629,5	18	624,5	27	631,3
9	634	19	620,8	28	630,2
10	636,8				

E ainda o leitor vai ter uma surpresa gratíssima, que de propósito lhe reservei para o fim deste capítulo, se se permittir a extravagância de lêr com attenção os quadros que lhe dou aqui:

**Precipitação atmosphérica em Davos,
expressa em millímetros, no mês de Novembro de 1897**

Dias	Chuva	Neve	Dias	Chuva	Neve	Dias	Chuva	Neve
1	0	0	11	0	0	21	0	0
2	0	0	12	0	0	22	0	0
3	0	0	13	0	0	23	0	0
4	0	0	14	0	0	24	0	0
5	0	0	15	0	0	25	0	2,8
6	0	0	16	0	0	26	0	0
7	0	0	17	0	0	27	0	0
8	0	0	18	0	0	28	0	0
9	0	0	19	0	0	29	0	15
10	0	0	20	0	0	30	0	1

Precipitação atmosférica em Davos,
expressa em millímetros, no mês de Dezembro de 1897

Dias	Chuva	Neve	Dias	Chuva	Neve	Dias	Chuva	Neve
1	0	4	12	0	0	22	0	0
2	0	4	13	0	0	23	0	0
3	0	7	14	0	0	24	0	0
4	0	4	15	0	0	25	0	0
5	0	0	16	0	0	26	0	0
6	0	0	17	0	0	27	0	0
7	0	0	18	0	0	28	0	0
8	0	0,5	19	0	0	29	0	0
9	0	4	20	0	0	30	0	0
10	0	10	21	0	0	31	0	0
11	0	0						

Precipitação atmosférica em Davos,
expressa em millímetros, no mês de Janeiro de 1898

Dias	Chuva	Neve	Dias	Chuva	Neve	Dias	Chuva	Neve
1	0	0	12	0	0	22	0	0
2	0	0	13	0	0	23	0	1
3	0	0	14	0	0	24	0	0
4	0	0	15	0	0	25	0	0
5	0	0	16	0	0	26	0	0
6	0	0	17	0	0	27	0	0
7	0	0	18	0	0	28	0	0
8	0	0	19	0	0	29	0	0
9	0	0	20	0	0	30	0	1
10	0	0	21	0	0	31	0	8
11	0	0						

Precipitação atmosférica em Davos,
expressa em millímetros, no mês de fevereiro de 1898

Dias	Chuva	Neve	Dias	Chuva	Neve	Dias	Chuva	Neve
1	0	1	11	0	0	20	0	0
2	0	2	12	0	0	21	0	0
3	0	16	13	0	0	22	0	8
4	0	28	14	0	0	23	0	6
5	0	0	15	0	7	24	0	0
6	0	0	16	0	6	25	0	1
7	0	2	17	0	20	26	0	0
8	0	2	18	0	31,3	27	0	1
9	0	7	19	0	0	28	0	2
10	0	0						

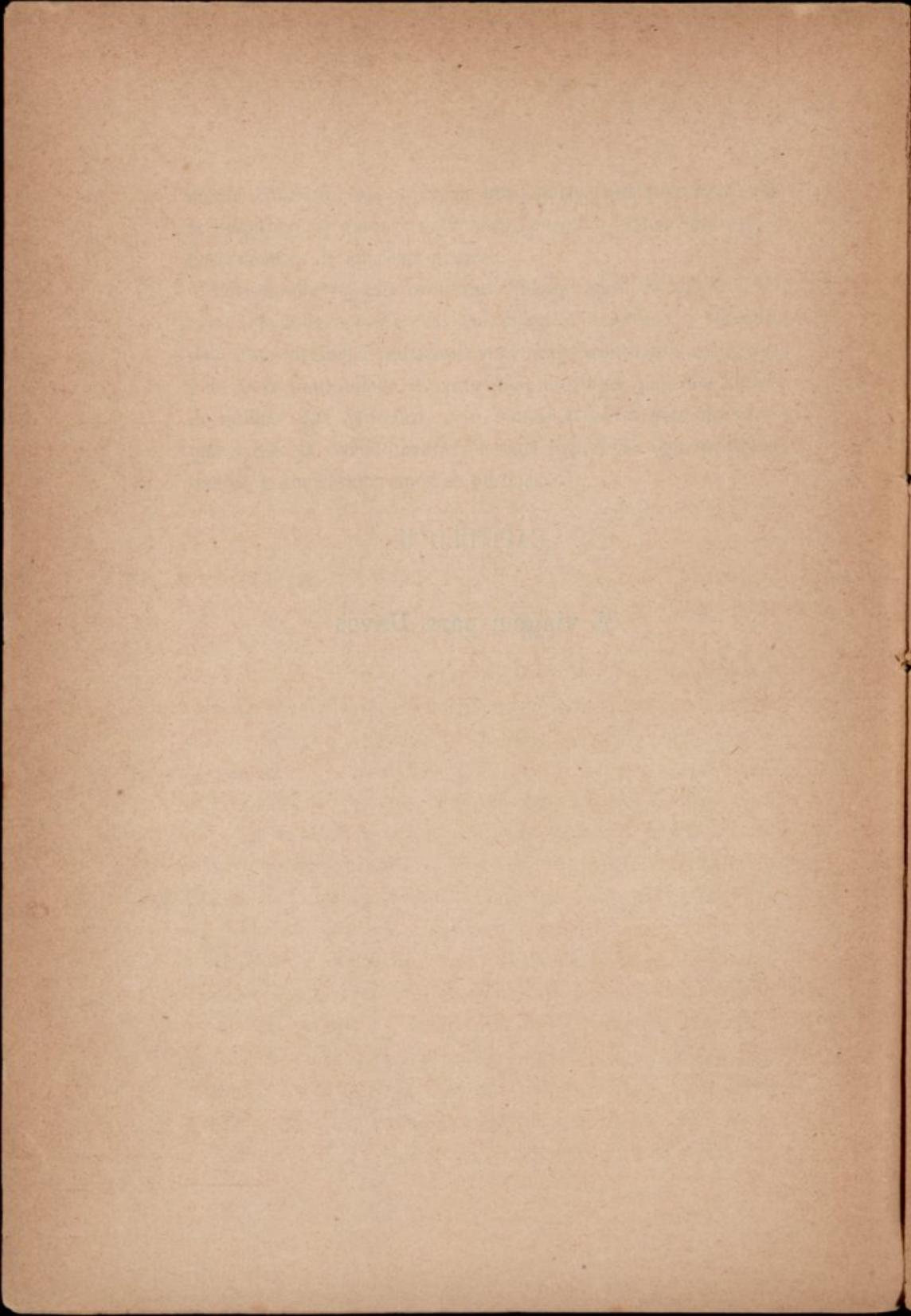
Viu? Encontrou lá chuva? Nem uma gotta, não é verdade? Pois ai tem a novidade que lhe reservei para agora, para lhe mostrar mais essa singularidade de Davos. No inverno, ali, nunca chove; essa coisa immunda e reles chamada chuva, que p'r'aqui anda sempre a emporcalhar, a salpicar e a enlamear a gente, não tem entrada em Davos; sendo uma das immundícies mais burguêsas dum clima não é admittida em Platz, é repelida sempre com o mais soberano desprêso. Aquillo é um logar limpo e digno, de hygiene tam aprimorada e tam aristocrática, que não podia seguramente consentir nas suas recepções esse elemento plebeu e porquíssimo; que pergaminhos trás, a engaldrupada, se vem oriunda da pestilência dos charcos mais immundos e da anarchia dos mares mais revoltos? Davos é um logar de asseio inexcedivel, é um logar de paz serêna, é um logar de confôrto, é um logar de luxo, é um logar requintada-

mente civilizado, não é agora um logarejo qualquer para onde se despejem as porcarias das vasas ou onde tenham entrada os descendentes da anarchia glauca.

Porisso elle repudia essa chuva infame, que envenenaria, ali, como em toda a parte, os seus doentes; e porisso a substitue pela neve virginal e purissima, pela neve alvinitente e castissima, pela neve immaculada e santissima, ao pé da qual não ha face de mulher que não córe: o — *bianca al piè di neve alpina*, — que talvez já ouvisse cantar, é uma hyperbole tam mentirosa, que só a um grande amor se perdôa . . .

CAPÍTULO II

A viagem para Davos



A viagem para Davos

Davos-Platz é servido por um caminho de ferro [Rhätia-Zug], que o põe em comunicação com todãs as grandes linhas férreas européas. Uma linha de via estreita foi construída entre a cidade de **Chur** [COIRE] e **Davos**; essa linha atravessa o valle de **Davos**, attinge o ponto culminante da sua elevação em **Wolfgang** e desce dalí para os lados de **Monbiel**, numa inclinação rápida, em curvas repetidas, que permitem vencer as diferenças de nível dos terrenos que atravessa. Chegando á estação de **Klösters**, no **Praettigau**, a linha vinda de **Davos** muda de direcção e corre quasi parallèlement á ribeira de **Landquart** até alcançar a cidade de **Chur**; nesse trajecto offerece de instante a instante pontos de vista maravilhosos, que só pincéis fortes e crus seriam capazes de desenhar. De **Wolfgang** a **Klösters** a diferença de nível é enorme para a distância que separa as duas estações; a linha corre sempre por entre florestas de abetos, mas apesar disso o viajante pode observar muitas vezes, da janella da sua carruagem, a linha audaz colleando a encosta da montanha, vendo-a em três lanços simultâneamente e com probabilidade

neste estado de espírito: se sóbe, não quer acreditar que a máquina galgue aquella ladeira íngreme; se desce, vem concentrado, com o olhar bem vivo, porque a todos os momentos se lhe affigura que tudo aquillo vai desfazer-se.

Às vezes a linha está coberta de neve, totalmente immersa na toalha alvíssima da neve alpina; depois da viagem anterior á viagem a fazer pelo comboyo, uma camada espessa de pó tenuíssimo pode ter caído; tudo está coberto; tudo está alagado; nem se vêem os carris, nem se destrinça o trajecto da via. O viajante pode gosar então um espectáculo curiosíssimo, sôbre tudo para um meridional: á frente da máquina é collocado um outro engenho collossal, chamado *chasse-neige*, que com a sua impulsão rompe caminho através da neve densa; já as máquinas sam munidas na frente duma armadura ponteaguda especial, que nos casos símplex faz a abertura da neve; mas nos grandes dias solemnes, quando a quantidade de neve é consideravel, o *chasse-neige* é indispensavel, e, como um verdadeiro ariete destruidor, fura a montanha branca, que se lhe offerece á frente, dando passagem ás carruagens e deixando aos lados da via trincheiras de neve maravilhosas.

O espectáculo é sôbre tudo encantador no trajecto de Davos a Klösters, estação que deve fixar-se na memória dos doentes, por mais dum motivo.

No caminho de Klösters a Chur ha, pouco antes de chegar ao terminus da linha, a estação mais importante desta: é Landquart, gare mista da linha Chur-Davos e da linha Zürich-Buchs; nesse ponto o caminho de ferro do Rhätia põi-se em contacto com toda a Europa. Landquart é porisso uma estação notavel, que, como Klösters, deve fixar-se na memória dos doentes, também por mais dum motivo.

Estudando os diferentes trajectos a seguir para Davos e a fórma mais conveniente de os levar a effeito, é claro que a minha preocupação visa principalmente aos que podem interessar aos doentes portuguezes; todos os outros sam para mim secundários.

Um ligeiro exame duma carta ferro-viária da Europa mostra depressa quais as ligações indifferentes para nós, como:

S. Petersburgo—Vienna—Insbruck—Alberg
Buchs—Landquart

penetrando na Suíça por Buchs;

Berlin—Leipzig } —Hof— {Munich } Lindau—Rorschach
Breslau—Dresde } —Augsbourg } —Landquart

penetrando na Suíça por Rorschach;

Hamburg } Francfurth^{über/Mein}—Basilea—[BÂLE]—Zü-
Berlin } rich—Landquart

penetrando na Suíça por BÂLE;

Bruxellas—Metz—BÂLE—Zürich—Landquart

penetrando na Suíça por BÂLE;

e essa mesma carta mostra também quais as ligações para conosco importantes; sôbre essas precisamos de chamar a attenção dos doentes com um pouquinho de vagar.

*

Jámais consinto a nenhum dos meus doentes, que vam a Davos, uma viagem directa ; nem que o doente tenha feito já uma ou mais estações em Davos ; nem que o doente queira seguir dalguma montanha portuguêsa, onde tenha habitado, para a montanha suiça ; numa palavra, a nenhum doente consinto que se exponha a soffrer *d'emblée* a acção da atmosphera de Davos.

No trajecto imponho-lhe paragens ; e destas umas visam a simplez repouso, conforme o typo de viagem escolhido, outras a mais do que isso : repouso e acclimação.

Para esta segunda categoria a primeira paragem, que ordeno, é em Landquart.

Landquart é um logar êrmo, totalmente despido de público e de habitações : ha uma estação de caminho de ferro, com o seu pessoal e ha um magnífico e único hotel, construido junto della ; ambos os edificios se erguem no meio da planície deserta e luminosa, que se estende até Chur, *avis rara* da região grisónica, pelo meio da qual o Landquart serpêa ; a atmosphera é dum azul delicadissimo, as montanhas distantes duma severidade firme ; fóra das horas dos comboyos o silêncio é duma serena paz. Bello logar esse, onde o ar vivificante dos Alpes começa a fazer-se sentir, e onde todo o doente deve demorar-se, pelo menos, um período minimo de dois dias. Para isso lá tem um hotel excellente, cómodo e barato ; pertence mesmo á companhia do caminho de ferro do Rhätia e foi de propósito construido para estas

paragens salutares; o doente aí aproveita já duma altitude de 500 metros.

Decorridos esses dois dias, o doente segue para **Klösters** e permanece aí durante um período igual, pelo menos, ao que se demorou em **Landquart**.

Klösters é uma pequena aldeia situada a 1205 metros de altitude, rodeada de magníficas florestas de abetos e faias, de montanhas formosíssimas e de pontos de vista preciosos. A sua situação orogrâphica dá-lhe um clima tam ameno, que a pequena aldeia transforma-se numa estação climatérica de verão, desde o meiado de maio até ao fim de setembro; fóra disso **Klösters** é ponto obrigado, *rendez-vous* forçado, duma grande parte da *haute gomme* europêa e americana, que no estio percorre as regiões alpinas; todo o *touriste* e toda a alpinista illustre, que no verão procura divertir-se nas duas **Engadines**, faz a sua estação intermediária em **Klösters**, durante alguns dias; só depois é que se aventura ao trajecto do collo de **Flüela**, para chegar a **S. MORITZ** ou outro ponto; de modo que por estas duas circunstâncias **Klösters** é servido por magníficos hotéis e tem a honra insigne de, no verão, abrigar entre as suas montanhas alguns dos nomes mais illustres e mais poderosos do mundo.

Klösters dispôi, como acabamos de dizer, de magníficos hotéis: o **Vereina** com 60 quartos e 100 camas; o **Brosi**, igual; o **Florin**, pròximamente igual e o **Silvretta**, que com o seu **Kurhaus** annexo e com todas as suas dependências attinge um total de 150 quartos com 280 camas. Este último é um estabelecimento primoroso, com illuminação eléctrica, com installações balneares, com salas de bilhar, de leitura, de conversa, possuindo em frente e em volta deliciosos jardins e parques, tendo montados jogos de *Law-tennis* e *Croquet*. Em qualquer

dêstes hotéis os preços sam moderados e não excedem, em geral, 11 a 12 francos por dia.

No hotel **Silvretta** alojam-se todos os meus doentes, que vam a **Davos**.

Como **Klösters** é uma estação de verão, no inverno os hotéis não admittem viajantes a pensão diária; forçam-nos a viver por lista; como, porém, a demora é pequena, pequena é também a differença, que isso pode causar na despeza; no **Silvretta** talvês não haja até occasião de notar-se differença alguma; pelo menos succedeu-me observar isso nas muitas vezes, que estive em **Klösters** e donde sai sempre agradecido com a affabilidade do pessoal do excellente e grandioso hotel.

Tendo-se demorado em **Klösters**, pelo menos dois dias, o doente segue para **Davos**, e, apenas chegado, installa-se no seu hotel com a mesma facilidade com que o faria em **Paris** ou **Berlin**; e como sabe já o que deve fazer de **Landquart** até **Davos**, vejamos como deve guiar-se até chegar a **Landquart**.

*

Os doentes, que vam de **Portugal** a **Davos**, podem seguir a via terrestre em toda a viagem, ou em parte a via marítima. Muitos doentes meus fazem parte da viagem por mar; muitos mais fazem a viagem por terra; e se me pedissem regras absolutas para dizer quais os doentes que podem seguir por mar, ou quais os que devem seguir por terra, não saberia estabelecê-las; o meu princípio geral é que todos os doentes devem fazer a viagem por terra; correr o risco de soffrer o abalo, que por vezes o mar

produz, é imprudente; mas, se o doente tem já feito longas viagens por mar, o que é bastante frequente, porque muitos dos doentes portuguezes em **Davos** são nossos compatriotas do Brazil e alguns até das colónias, sem dellas se terem ressentido, então consinto a viagem a bordo, em verdade mais económica e até mais rápida. Isso, porém, fica para casos particulares; a viagem typica, a viagem vulgar, a viagem geral, a viagem para todos os doentes, é a que eu vou descrever em seguida e é a que na máxima parte dos casos deve ser aconselhada.

O doente pode seguir para Paris no *Sud-Express*, maneira rápida de chegar á capital franceza; sempre que assim o deseje não o contrario; o trajecto até Paris feito assim é cómodo, confortavel e expedito; é, porém, caro; e se a viagem pode fazer-se em excellentes condições sem a despeza avultada immediata, com que o *Sud-Express* abre os gastos da cura, compreendendo-se que não haja necessidade de o utilizar; tambem por isso nunca conversei com os meus doentes em *Sud-Express*, senão quando elles me falam no luxuoso trem. De resto guio-os assim:

O doente toma o comboio em Lisboa ou Pôrto, para me referir aos dois grandes centros portuguezes, respectivamente para Villar Formoso [perto de 9\$000 réis, 1.^a classe] ou Barca d'Alva [perto de 4\$000 réis, 1.^a classe]; em qualquer destas estações tira bilhete para Hendaya, primeira estação franceza d'além dos Pyreneus, por cerca de 70 francos, ao câmbio do dia; a qualquer das duas estações portuguezas chega perto da noite, em qualquer dellas janta, nellas passa a fronteira; a primeira estação espanhola que encontra força-o á revisão das bagagens e força-o a adoptar a hora de Madrid.

As duas linhas hespanholas, que representam o seguimento

das portuguezas da Beira Alta e do Douro, encontram-se, decorrido um breve precurso depois de passada a fronteira, em **FUENTES S. ESTEBAN**; os passageiros que seguirem a linha da Beira Alta, por Villar Formoso, passarã para o comboyo dos que seguiram a linha do Douro, pela Barca d'Alva; desde então seguem juntos e pela meia noite estã em **MEDINA DEL CAMPO**, gare enorme, servida por um grande buffete, onde os passageiros repou-sam duas horas, que devem passar bem agasalhados e bem abrigados na sala do restaurante; Medina é, como Madrid, pródiga em pneumonias, e eu costumo frisar bem a circunstãncia aos meus clientes, para que se não exponham ao ar cortante e frio da noite na grande estação espanhola. É então o momento de começar também a vigiar as bagagens com cuidado; a este respeito costumo indicar aos doentes a conveniência de despacharem a menor quantidade de volumes possivel, em toda a viagem, porque, em geral, as linhas estrangeiras não concedem tolerãncia de peso e esses despachos costumam ficar carissimos; o melhor é levarem consigo tudo que puderem, e é então em Medina que começa a ser necessário ter vigilãncia activa com os volumes que os acompanham; doutro modo ficam sem elles; á chegada chamam um carregador, entregam as coisas, mas fazendo-lhe contar os volumes com minucioso rigor.

Dentro de pouco tempo, cêrca de duas horas, chega o expresso de Madrid a Paris, que os doentes tẽem de tomar e então, se houver logar, aconselho-os a que occupem o *Sleeping-car*, onde viajarã com toda a tranquillidade e toda a segurança possiveis; o preço do excesso a pagar desde aí até Hendaya é apenas de 16,30 fr., e a commodidade recebida em troca vale bem mais. Ao meio dia o doente está em Hendaya, depois de ter passado uma manhã deliciosissima a transpôr os Pyrineus,

depois de ter tido demora sufficiente em IRUN, última estação pyrenaica da Espanha, para almoçar; em Hendaya submete as bagagens ao exame dos empregados da alfandega franceza, delicadíssimos, passa a governar-se pela hora de Paris e toma bilhete para Bordeus, 1.^a classe, 26,10 fr., para fazer as 6 horas de trajecto que o separam da grande cidade de Garonne, e durante as quais percorrerá as famosas LANDES. Se nesta altura quiser economizar alguma coisa pode fazer esse trajecto em 2.^a classe. Chegado a Bordeus desembarca na Gare de St. JEAN, toma uma carruagem e transporta-se ao Grande Hotel RICHELIEU, COURS DE L'INTENDANCE.

Fica em Bordeus dois dias; e no terceiro de manhã toma o expresso de Paris, com bilhete de 1.^a classe por 70 francos e 9 horas de trajecto; se quiser economizar pode limitar-se a bilhete de 2.^a classe; chegando a Paris á noite desembarca na gare de ORLEANS e vai occupar um quarto dos últimos andares do Hotel Continental, RUE RIVOLI; passa essa noite e no dia seguinte, depois de almoço, toma nas gares de ESTE ou de STRASBURGO bilhete de 1.^a classe para Zürich, por 75 francos; entra na Suíça por BÂLE, onde soffre o exame das bagagens, e onde passa a regular-se pela hora da Europa Central, e chega a Zürich de manhã, saindo na gare Central — Bahnhof — e indo occupar o Grande Hotel Nacional, em frente da gare, ou o Hotel Central, ou o Hotel Stadthof, que da gare mesmo vê; demora-se em Zürich um ou dois dias; decorridos elles toma bilhete de 2.^a classe, no comboyo da manhã para Landquart; de Landquart para Klöstere e de Klöstere para Davos, viaja também, sempre, em 2.^a classe, o que custará cêrca de 20 francos. A viagem dá, portanto, em média uma despêza de transporte de 330 francos, referida a Lisboa; para 500 francos — 20 libras em oiro

— faltam 170 francos; pois esses, com juízo, podem chegar para as despesas de hotel e miudezas durante o trajecto; a viagem assim, até Davos, custa, portanto, 20 libras ou pouco mais, com uma duração, incluindo as paragens convenientes, de 12 dias. Doente que proceda assim chegará a Davos em condições excellentes, e o seu trajecto fica traçado, em resumo, como segue:

Pôrto	{	Medina del Campo — Hendaya — Paris — BÂLE
Lisbôa		— Zürich — Landquart

penetrando na Suíça por BÂLE.

*

Por terra o doente pôde seguir ainda outro caminho, o que ás vezes convém; ha doentes novos, rapazes de pouco tino, que eu não quero vêr em Paris de passagem para Davos; faço-os então torcer, de Bordeus por deante; em vez de partirem para Paris partem, pela Gare de la BASTIDE, do outro lado do GARONNE, para LYON, com bilhete de 1.^a classe, por 70 francos; saem de Bordeus ás 11 horas da noite e chegam a LYON ás 2 da tarde do dia seguinte; passam aí o resto do dia, alojando-se no Grande Hotel de l'Univers, em frente á gare de PERRACHE, onde desembarcam; passam a noite e, no dia seguinte de manhã, ás 6 horas, saem pela mesma gare para Zürich onde chegam ás 4 da tarde, com bilhete de 2.^a classe, por 34,5 francos. É então em Genebra, que soffrem a revisão das bagagens e que passam

a regular-se pela hora da Europa Central. O seu trajecto fica traçado em resumo como segue :

Pôrto {
Lisbôa { Bordeus — LYON — Genebra — Zürich — Landquart

penetrando na Suíça por Genebra.

*

Querendo fazer parte da viagem por mar, o que é possível nas condições que apontei, ha grande número de linhas a aproveitar. Deixo-as indicadas aqui, com esta advertência geral: é que, seja qual fôr a linha de vapôres a aproveitada, o tratamento a bordo é sempre primoroso; a esse respeito preoccupações de nenhuma espécie devem intimidar os doentes.

Uma das linhas aproveitáveis é a das *Messageries maritimes*; os seus vapôres fazem o trajecto de Lisbôa a Bordeus em 55 horas, por 105 francos em 2.^a classe; a viagem fica então

Lisbôa — Bordeus — Paris — BÂLE — Zürich — Landquart

penetrando na Suíça por BÂLE

ou

Lisbôa — Bordeus — LYON — Genebra — Zürich —
Landquart

penetrando na Suíça por Genebra.

*

Um typo possivel tambem é o que aproveita os vapôres, que tocam em Vigo; para isso segue-se a linha da fronteira da Galiza, do Pôrto a Valença, 1.^a classe, 2\$530 e de Valença a Vigo, 1.^a classe, 1\$580. Em Vigo o doente deve alojar-se no Hotel Contínental, sôbre a Ria; aí toma o vapôr da linha Vigo — LA ROCHELLE, que o transporta a este pôrto em 40 horas, pelo preço de 4 libras em oiro; de LA ROCHELLE o doente segue immediatamente para Paris, ou num expresso que faz o trajecto em 11 horas, ou num rápido, que o faz em 9,5, com bilhete de 2.^a classe, o que custa 36 francos. Deste modo este novo typo resume-se assim:

Pôrto — Vigo — LA ROCHELLE — Paris — BÂLE — Zürich —
Landquart

penetrando na Suiça por BÂLE.

*

Caminho diverso ainda é o que pôde seguir-se pelo Havre ou La Palisse. O trajecto de Lisboa ao HAVRE faz-se em 3 ou 4 dias, por 100 francos, em 1.^a classe; do HAVRE a Paris vai-se, por 17 francos em 6 horas, em 2.^a classe; tomando um expresso, que contém só carruagens de primeira, o trajecto pode abreviar-se e

fazer-se em 3 horas; mas custa 25 francos e não vale a pena; deve ter-se sempre presente, quando se viaja e se quer excursionar um pouco, que nas 2.^{as} classes francêsas, suiças, allemãs, italianas, etc., se viaja perfeitamente. Este typo de viagem pôde, pois, resumir-se assim :

Lisboa — HAVRE — Paris — BÂLE — Zürich — Landquart

penetrando na Suíça por BÂLE.

*

Uma viagem por mar é mesmo possível pela Allemanha, e deve confessar-se que é muito bonita; tem, porém, taes inconvenientes que eu a prohibo expressamente a todos os meus doentes, que vam a Davos; outro tanto lhes não digo quando voltam; podem vir pela Allemanha, mas não podem ir por lá. Para isso ainda é preciso que saíam de Davos muito tarde e que a travessia do ennevoado e poderoso império só se faça pelo menos em fins de abril ou melhor ainda em começos de maio. Sendo assim, deixo aqui o trajecto da ida para elle ser simplesmente aproveitado na volta.

Os vapores da Lloyd gastam de Lisboa a Hamburgo 5 a 6 dias, e cobram 180 marcos por cada bilhete de 1.^a classe; de Hamburgo a Davos, pelo Hannover, Basler e Frankfurth, gastam-se 29 horas, que feitas em 2.^a classe custam cerca

de 95 francos ou 76 marcos. A viagem fica resumida como segue :

Hamburgo — Francfurth üb/M — BÂLE — Zürich — Davos penetrando na Suíça por BÂLE.

*

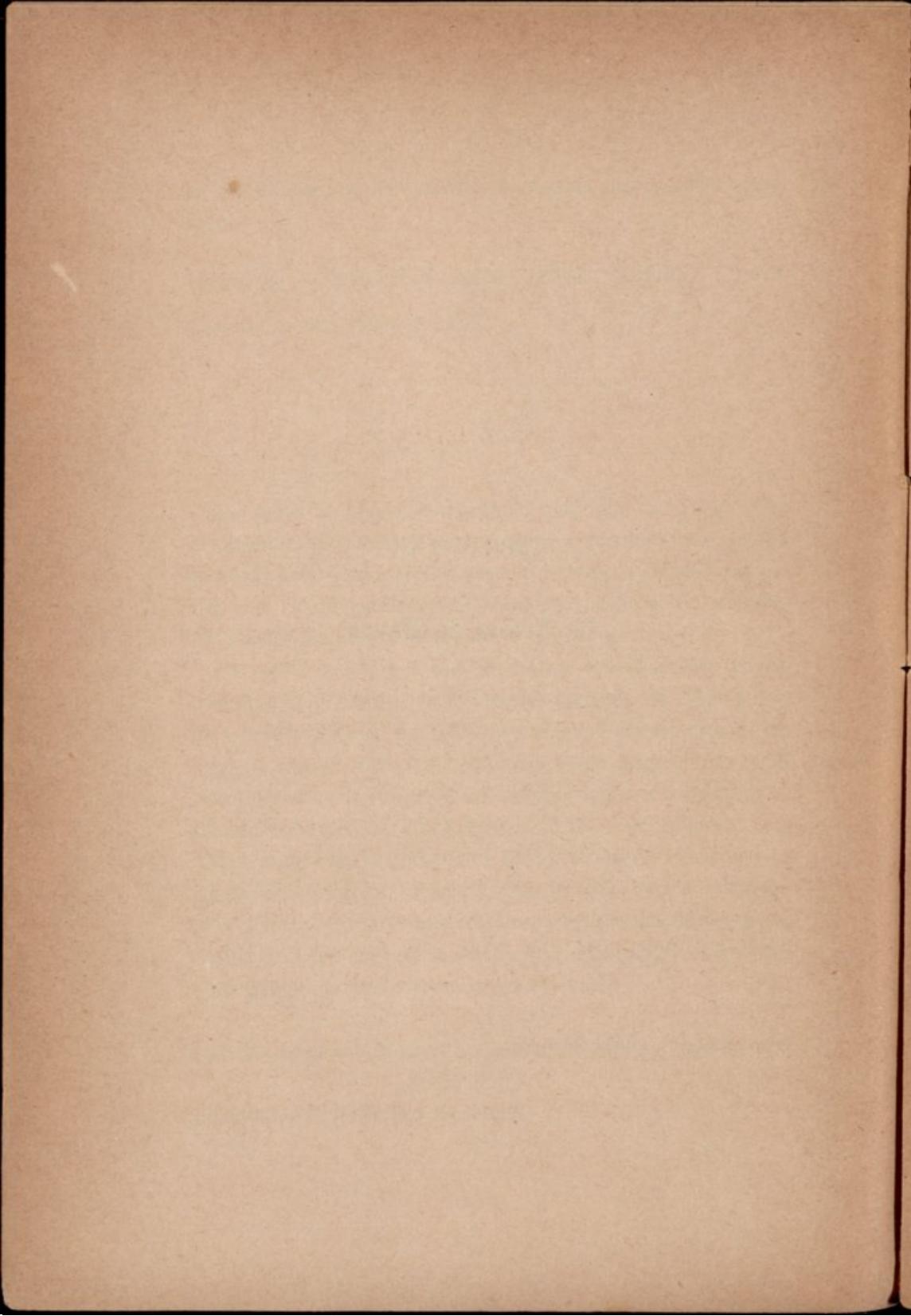
De todos os trajectos marítimos por mim descriptos vê-se claramente, que nenhum tem a minha sympathia ; mas eu vou terminar esta ennumeração com a descripção rápida dum outro, que, se o doente quer viajar por mar, é o que de preferéncia a todos lhe indico. Refiro-me á viagem por Génova.

Os vapores que fazem carreira mensal entre Lisboa e Génova transportam o doente em 5 dias das margens do Tejo á famosa cidade italiana, por 150 francos ou 6 libras em oiro, em primeira classe ; o doente é tratado a bordo magnificamente. É esta a fórma mais simplez de chegar rápidamente a Davos ; de Génova o doente vai em 3 horas a Milão, num expresso, por 13,5 francos, em 2.^a classe ; de Milão, fazendo a famosa passagem do S. Gothard, transfere-se em 10 horas para Zürich, por 27,5 francos, em 2.^a classe ; soffre a revisão das bagagens em Chiasso e este trajecto marítimo, por mim sempre o preferido deste grupo, dá uma viagem assim resumida.

Lisbôa — Génova — Milão — Chiasso — Zürich — Landquart penetrando na Suíça por Chiasso.

CAPÍTULO III

Os hotéis de Davos



Os hotéis de Davos

Em Davos os hotéis sam numerosíssimos; ha-os das mais variadas lotaçõis, desde as pequenas villas, que abrigam cêrca de vinte pessôas, até aos grandes edificios, que podem receber duzentos hóspedes. Lançados pelo valle àlém, ora aos lados da estrada central, ora na encosta da montanha de oeste, ora nas rampas que vam da estrada aos campos do Landwasser, todos esses edificios sam elegantes, bem construídos, frêscos e alegres, de côres vivas e de architectura jovial.

A sua disposição architectónica obedece aos principios da mais sabedora hygiene e por isso todos elles têm janellas duplas, como as dos Sanatórios, todos elles têm largas e amplas galerias de cura, e magníficos terraços, como os Sanatórios. Aí os hóspedes fazem a sua cura de ar, com a mesma commodidade que gosariam num estabelecimento especial; a differença está apenas na maior liberdade que possuêm e que, se della abusam, os perde irremediavelmente.

Em todos os hotéis, á hora da cura, essas galerias estão occupadas pelos doentes, que respiram a plenos pulmões o ar puris-

simo do valle. Deitados em cadeiras do modelo *Falkenstein*, munidas de colchões, que o maior número dos hotéis mesmo fornece, estão fortemente resguardados pelo vestuário e pelos agasalhos.

Estes ou sam cobertores de pura e finíssima lã, ou sam pelissas finas e galantes munidas dum regalo para os pés. Os doentes lêem ou conversam, alguns escrevem até em pequeninas mêsas de leito collocadas deante do thorax; se o frio é muito, esta operação não é possível porque têm de guardar-se as mãos. Á hora da cura os doentes muitas vezes têm de tomar a sua temperatura; nenhum inconveniente ha nisso porque nenhuma necessidade ha de se exporem ao frio, visto que as temperaturas em *Davos* sam em geral tomadas sob a língua; em certas galerias ha momentos em que se observam 4, 5 e 6 doentes a seguir, todos de bôca cerrada, respondendo apenas com acênos aos cumprimentos que se lhes dirigem e com a pontita do thermómetro a espreitar, brilhante, pela commissura labial.

Portanto em *Davos*, em todos os hotéis, faz-se magnificamente a cura de ar e repouso; para a levar a effeito fornecem elles local próprio e *chaise-longue* própria; as peças de agasalho comprálas-ha o doente, e isso deve fasê-lo mesmo em *Davos*, afastando-se dos estabelecimentos mais centrais, e tendo sempre presente que por 50 francos lhe devem vender uma pelissa de cura, — a que lá chamará *Chancelière* —, excellente. Tudo o mais que gastar dai para cima é desperdício ou exploração.

*

Todos os hotéis em *Davos* servem magnificamente os seus hóspedes pelo que respeita á alimentação; diferenças ha, é certo,

como não pôde deixar de ser, entre dezenas de hotéis; mas a impressão geral, a nota geral que pode dar-se das mesas de Davos, é que o serviço dellas é magnifico e nada deixa a desejar.

Em Davos ha todos os recursos de alimentação que se procuram; as iguarias mais singulares e especiais estão nos depósitos de víveres ás ordens dos doentes; para isso concorre uma circunstância toda local: é que em Davos nada se estraga, nada se adultera e tudo se conserva. O caviár vindo da Rússia, o salmão ido do Rheno, a ôstra ida de França, conservam em Davos por largo tempo a sua frescura appetitosa, sem para isso ser necessário tomar precauções especiais; basta deixar tudo ao ar, que a neve alvíssima purificou, para que tudo esteja isento de podridão; a castidade da neve alpina é incompativel com a corrupção das coisas . . .

Por outro lado, a caça abunda nas montanhas grisónicas; o veado, o javali, a côrça, a lebre, o faisão e a perdiz vêm todos os dias ao mercado de Davos, depois de victimadas pelas balas dos montanhêses; entram nos depósitos e aí ficam expostos á espera de vez para serem consumidos; algumas *vitruines* expõem os grandes animais integralmente, e por isso algumas dellas mais parecem formosos excerptos dum museu de zoologia.

Mercê destas circunstâncias os hotéis de Davos tratam magnificamente os seus hóspedes, porque lhes variam ao infinito os *menús*, porque lhes apresentam tudo excellentemente preparado, porque lhes servem tudo com uma abundância quasi perdulária. Não abundância de pratos, não; as refeições em Davos sam curtas, mas abundância de cada prato, sempre succulento e sempre appetitoso; para isso nunca faltam as mais raras especia-
rias e a junção dos legumes mais extravagantes; quer dizer, em Davos, os hoteleiros sabem muito bem que têm o dever de

engordar os seus hóspedes e para isso não se poupam a esforços; se depois da *cure de air* os vissem obrigados a ir a **Marienbad** fazer uma *cure de graisse* teriam alcançado o seu ideal.

Para o attingir, o número de refeições é avultado, pôsto só duas — almoço e jantar, ou jantar e cêa — sejam abundantes. Num outro capítulo darei uma tabella com as horas dessas refeições; mas quero deixar aqui uma reflexão, que costume fazer aos meus doentes, que vam a **Davos**.

Á uma hora em **Davos** almoça-se ou janta-se; almoça quem vive á francêsa, janta quem vive á allemã; ora eu, apesar das grandes sympathias que infelizmente toda a gente tem pela França, costume aconselhar os meus doentes a que, não só em **Davos** mas em toda a parte, vivam á allemã, que é quasi viver ao velho e são estylo português, que nós temos estupidamente abandonado para seguir o figurino gaulês.

Como quer que seja, em **Davos** comerám muito, porque lá a fome péga-se; e, succedendo assim, como succede, posso dizer que os hotéis de **Davos** praticam em todos os seus hóspedes a superalimentação.

*

Das refeições menores uma é o pequeno almôço, em que a manteiga e o mel suiços interveem em larga escala, com inteiro aprazimento dos paladares mais finos e mais apurados; as outras sam constituídas por copos de leite, que leitárias, bem vigiadas sanitariamente, fornecem. O grande hotel **Curhaus** tem uma leitaria própria — a *milchhalle* —, bem isolada, situada para o

extrêmo norte de Davos, no comêço de Dörflí; essa installação é perfeita, os estábulos excellentes, a vigilância veterinária meticolosa; aí os doentes de qualquer hotel, como qualquer pessoa, podem ir tomar por 30 céntimos o seu copo de leite magnifico, quando passeiem para aquelles lados. E aconselho-os a que o façam; uma guapa moça, espaduada e alta, desempenada e fresca, typo completo da *paysanne* alpina, está encarregada da venda, que effectua com a maior facilidade e asseio.

É, porém, conveniente que os doentes se abstenham de certas liberdades... mas eu até nem digo nada; ha coisas em que é melhor não falar: um dos doentes portuguezes, que esteve o inverno passado em Davos foi lá, uma vez comigo, ao leite; se não fôsse muito amigo d'elle, havia de contar aqui ao leitor um caso de lhe fazer pôr os cabellos em pé... mas prefiro conservar-me silencioso, para não deixar esse doente coberto de improperios; grande birbante, ali, mesmo deante de mim... Ah! biltre, que ainda tremo de indignação ao lembrar-me do nefando crime, e tremo sempre de raiva, quando ao abrir o meu diário encontro a 22-1-98 — está marcado o dia, patife — entre várias coisas estas palavras fatais: *Der Kuss des Onetos*...

Deixemos, porém, recordações de coisas feias, que o calor meridional cria mesmo no meio da neve frígida, e continuemos a analyzar as condições de vida nos hotéis de Davos.

*

Nos hotéis de Davos attende-se ás coisas mais insignificantes, que dizem respeito á hygiene dos doentes; assim é que a prohi-

bição do uso do tabaco é uma prescripção geral dos hotéis, para os logares em que os doentes se reünem em commun; nos salões de leitura, nos salões de conversa, nas salas de jantar, nas galerias de cura, nas retretes até, um simplez «nicht raucher» previne os fumistas de que, se quizerem matar o vício, têm de ir fasê-lo para as salas dos restaurantes, onde os ha, ou para os seus quartos; nestes podem estragar o ar á vontade, mas fóra dai têm de abster-se dessa extravagância; e quem desobedecer é cerimoniosamente convidado a procurar outro hotel.

Esta guerra ao fumo prosegue em tudo que é possível; para a sustentar é que Davos e todas as suas casas sam illuminadas a luz eléctrica; para a sustentar é que o aquecimento das casas vai sendo velozmente transformado, e as antigas estufas, — apesar de excellentes, com magnífica tiragem e não se fazendo sentir pela perfeita ventilação sem correntes dos aposentos, — vam sendo rápidamente substituídas pelo aquecimento a vapôr feito com apparatus BECHEM e POST, que estão installados já no Curhaus e no Zur Post, e que em breve o estarão nas outras; Davos terá então todas as suas habitações aquécidas sem fumo.

Ainda fica muita coisa sob este ponto de vista; ainda ficam as cozinhas; mas nós devemos estar preparados para a noticia mirabolante, que um dia póde apparecer-nos, de que em Davos se cozinha sem fumo. Ha em Davos quem pense nisso muito a sério e com capacidade sufficiente para achar a incógnita da equação. Na exposição internacional de Genebra já appareceram cozinhas eléctricas.

*

Os quartos dos hotéis de Davos sam quasi todos voltados ao sul; alguns ha ao norte, poucos, e esses sam, em geral, habitados pelo pessoal dos hotéis, e pelas companhias dos doentes, se as levam consigo. Os quartos do sul sam preferiveis, por causa do sol que recebem, e sam por isso mais caros; mas não é essencial que um doente normal habite um quarto do sul; o quarto só deve servir para dormir; de resto vive-se ao ar livre; as galerias dos hotéis não sam para outra coisa e essas estão todas ao sul; por isso nunca sou demasiado insistente com os doentes para que tomem quarto do lado do meio-dia; se o encontrarem ou o quizerem, muito bem; mas não é essencial.

Quem estiver no Curhaus, por exemplo, tem ao seu dispôr uma galeria de 180 metros de extensão, a rodear um jardim famoso; creio que tem bem onde arejar os pulmões, na sua cadeira; essa galeria é realmente majestosa, mas não admira que a possua um estabelecimento, cuja fachada principal mede 100 metros de comprido, cuja sala de jantar, — sumptuoso jardim de inverno —, tem 400 metros quadrados de superficie, e cujas installações gerais lhe dam fóros de ser considerado um edificio com o qual se sentiria orgulhosa qualquer grande capital da Europa.

*

Em todos os hotéis de Davos ha em tudo a limpeza mais minuciosa; Davos possuê uma estufa de desinfeção onde acodem todos os objectos suspeitos, que sam purificados por uma insignificância; junto dessa estufa está installada uma lavanderia a vapor, onde todas as roupas sam lavadas, quer as do leito, quer as do corpo, quer outras; os aposentos dos hotéis sam sempre, diàriamente, lavados; para isso as paredes sam, em geral, cobertas de linóleo, como os soalhos, ou então forrados de madeira lisa envernizada.

Não ha o menor perigo em occupar qualquer quarto, fôsse quem fôsse o inquilino anterior, saisse em que estado saisse.

Se porventura a morte o levou, apenas retirado o cadaver, o aposento é submettido a uma desinfeção perfeita, completa, com todos os preceitos da arte; qualquer preocupação que a este respeito os doentes possam ter deve ser abandonada como uma puerilidade. Um aposento dum hotel de Davos é sempre um recanto confortavel e inoffensivo, cujo luxo varia, mas cujas commodidades sam para todos os preços inexcediveis; desde o leito de molas flácidas á poltrona de molas rijas tudo está disposto para ser usufructo de gente civilizada e culta.

*

O número de hotéis de Davos é avultado, como disse: para o leitor faser idéa delles deixo-lhos aqui numa tabella:

Nome	Director	Numero de camas	Preço, desde o Mínimo (verão) ao Máximo (inverno)	Construido desde
Grande Hotel Belvedere.....	H. SCHELIE	215	Francos 8-14	1875
Curhaus Davos, tendo por dependências as villas Batava, Britannia, Germania, Helvetia, Piccola e Wohlgelegen.....	W. HOLSBOER	230	7-15	1867
Hotel de Inglaterra.....	C. DEMMER	50	7,75-15,50	1881
Hotel Bahnhof.....	H. ALDER	30	5,50-6,50	1891
Hotel und Pension Bergadler...	Chr. BRANGER'S ERDEN	20	7-12	1874
Bathenien (recebe só senhoras)..	H. KREICKER-GLEUZ	25	5-8,50	1896
Hotel und Pension Buol.....	C. BUOL	80	6,50-14	1871
Hotel und Pension Charlotte...	P. MULLER & C. ^o	18	5-7,50	1887
Hotel und Pension Christiana...	E. PETOZLDT-BÜRGI	22	7-14	1890
Pension villa Collina.....	Frau A. SCHNEIDER	22	6,50-10	1890
Pension villa Daheim.....	J. J. KOBELT	10	6-8	1893
Pension Damenhein, villa Fürstenuau.....	J. KROYMANN	10	6,75-9,50	1887
Pension Damenhein, villa Meta..	Frl. LAFFERT	3	5,50-7,50	1895
Privat-Pension für Damen, villa Meta.....	Frau J. MOHR	8	7,50-11	1896
Pension Damenhein Weyermann, Haus Schwabe.....	Frl. WEYERMANN	10	6-9	1890

Nome	Director	Número de camas	Preço, desde o Mínimo (verão) no Máximo (inverno)	Construído desde
Hotel Davoserhof.....	J. P. STIFFLER	40	Francos 6,50-7,50	1881
Pension Villa Dora.....	Frau K. SCHULER	20	7-12	1895
Hotel und Pension Eisenlohr....	Robert EISENLOHR	25	6-12	1874
Pension Everts — Centralhof....	Frl. J. EVERTS	10	8-12	1892
Pension villa Frei.....	J. FREI	40	7-13,50	1890
Pension villa Freitag.....	Frau FREITAG-ZÜRCHER	25	5-9	1892
Hotel und Pension Gelria.....	E. HOLSEBOER-BREEDYK	24	6,50-10	1885
Pension Hagelberg — villa Fopp..	Frau M. HAGELBERG	6	5-8	1882
Hotel und Pension Deutscher- Hof.....	Herm. BRENK	25	6-10	1880
Pension villa Holstein... ..	Hans ERFURT	15	6-8	1896
Hospiz für Kranke — villa Pravi- gau.....	Katolische SCHEWERSTERN	14	5-9	1892
Hotel und Pension Last.....	G. C. LAST	36	7,50-10	1895
Hotel zum Löwen.....	S. MARUGG	30	4-6	1880
Gasthof zum Ochsen.....	P. OBERRAUCH	20	1-2 por cama	1891
Hotel und Pension zur Post.....	J. P. Büsch's ERBEN	30	6-10,50	1870
Pension Quisisana.....	J. WILLI	14	6-12	1894
Hotel und Pension Rathaus.....	A. BRANGER-JOST	24	5,50-7,50	1864
Hotel und Pension Rhätia tendo por dependencias a villa Kaiser	Familia KAISER	80	7-12	1872

Nome	Director	Número de camas	Preço, desde o Mínimo (verão) ao Máximo (inverno)	Construído desde
Pension Richmond.....	R. MEYEB	20	Francos 8-15	1895
Pension Rosenhügel.....	J. AEBERHARD	18	2,50-5	1882
Pension van Rijn, Haus Jost...	Fr. WERNINK	20	7-13,50	1892
Hotel und Pension Schweizerhof tendo por dependência a villa Gelbke.....	F. GELBKE STABEL	60	7-14	1869
Hotel und Pension Strella	Hugo RICHTER	60	6,50-7,50	1860
Pension Tietge — villa Erika.....	E. TIETGE	12	5,50-10	1886
Gasthof zum Tobelmühle.....	M. VETSCH	26	1-2 por cama	1874
Hotel Victoria.....	F. PESTALOZZI	50	8,50-16	1885
Pension villa Waldeck.....	Fr. K. FEDERSPIEL	4	7-10	1887
Hotel und Pension Waldhaus ...	J. SCHMID	20	5,50-7	1878
Pension villa Wetzels.....	C. WETZEL	4	5,50-8	1894

Quais delles preferir? É impossivel indicar preferências, nem estabelecer indicações gerais. Eu costumo aconselhar os meus doentes, que vam a Davos, a que attendam a duas circumstâncias, que sam ambas importantes; uma é de que escolham, sendo possivel, hotel situado na Estrada central, como o Rhätia, o Curhaus, o Scheweizerhof, o Eisenlohr, o Angleterre, o Victória, etc.; outra é que prefiram um hotel pequeno ou médio como o Zur Post, como o Rhätia, ou como alguma villa, aos grandes estabelecimentos como o Curhaus, o Belvedere e mesmo o Buol ou o Angleterre. O primeiro conselho é dado com o fim de evitar a subida á saída ou á chegada a casa; os hotéis situados para oeste da Estrada central têm todos accesso difficil, mais ou menos íngreme; os situados entre a estrada e o Landwasser á saída de casa offerecem uma subida a vencer; ora os doentes nem sempre estam auctorizados a subir, e no momento da chegada a Davos a nenhum, seja qual fôr o seu estado, essa extravagância se concede; as ascensões precoces em Davos sam um perigo terrivel, e é preciso que os doentes tenham bem presente estas palavras: — *Nunca em Davos façam a mínima ascensão, nem dum metro sequér, sem ordem expressa e categórica do médico.*

Muitas vezes um doente vai muito bem, segue mui prazenteiramente a sua cura, mas um dia aventura-se a uma subida um pouco atrevida e chegando a casa apparece com uma hemoptysis, que lhe atraza a cura muitos mēses e mesmo annos. Uma doente registada no meu diário, cuja juventude folgazã a doença não conseguiu jugular, deu-me disso um exemplo frisante.

E não sam só hemoptysis as contrariedades que a ascensão imprudente póde gerar; alterações graves podem apparecer nas lesões pulmonares, determinadas por uma gymnástica violenta e

abrupta; uma cicatriz incipiente pode romper-se, uma cicatriz em formação esphacelar-se; a este respeito os meus doentes devem notar cuidadosamente o seguinte exemplo do meu jornal:

L. de N. Y. . . . Tuberculose do vértice direito. Exame microscópico positivo. Á data da minha observação está em Davos ha seis mêses. Decorridos três mêses de estação os parasitas desapareceram. O doente é médico e uma intelligência rara. O seu estado geral é magnifico no fim dêsses três mêses, e o seu estado local tem sinais de cura bem lançada; é preciso entretanto cuidado, porque as cicatrizes sam seguramente fracas. O doente deixa decorrer dois mêses; no fim delles, curioso como é, faz duas ascensões seguidas a Schatzalp, um pouco apressadas. Á noite do dia da segunda sente-se mais fraco; na manhã seguinte expectora um pouquinho; daí por deante vai-se sentindo mal. Quando o observo, um mês depois do incidente, o vértice doente está cheio de ralas, a sua expectoração é bastante, os escarros têm novamente parasitas, o doente perde constantemente de pêso, e peora a olhos vistos, no meio das suas queixas tristes pelas malfadadas ascensões. . . .

Portanto, um hotel de saída e acesso plano é preferivel a outro, que careça destas vantagens.

O hotel com pouca gente é também estimavel; para isso concorrem várias razões, umas de hygiene, outras de feitiço differente. Primeiro, quanta mais gente houver num hotel, mais embrulhada é a louça que a serve; e posto os meus collegas de Davos tenham a este respeito opiniões tranquillizadoras, eu permitto-me reservar a minha, á qual voltarei quando descrever o sanatório Turban; depois num hotel de muita gente, toda doente, mais frequentes sam os incidentes a que a doença leva, e mais amiudadas sam as más noticias, que dispõem sempre mal o espirito: hoje sabe-se que fulano teve uma hemoptysis; daí a dias que sicrano começou a ter febre; um companheiro de mēsa não apparece uma manhã porque ficou de cama com soltura; lá de longe a longe corre, por entre rostos contristados, a nova fúnebre, de que alguem partiu para não mais voltar... e não ha doente que não fique absorto deante da noticia suggestiva; tudo isto manifestamente é mais vulgar num hotel de duzentos doentes do que num hotel de vinte ou trinta; por isso prefiro sempre os últimos aos primeiros. Mesmo nos hotéis grandes pode haver ainda outro perigo em que não queria falar; é capaz de apparecer também nas pequenas villas, mas ainda e sempre com menor probabilidade; não foi de balde que a sabedoria das nações concluiu, depois de séculos de experiências, que «muita gente junta se não salva.» Refiro-me a certos problemas de coração, a que a vida mais luxuosa, mais etiquetada, mais *raffinée* dos grandes hotéis fórma

um adjuvante de valor. Não sei se alguma leitora gentil poisará um dia o seu olhar macio, sôbre estas páginas cruas; se o fizer, inebriando-me de vaidade, não esqueça que ás vezes, em frias manhãs geladas, quando o sol começa a doirar os pinheiros alvissimos de Schatzalp e de Gemsgjäger, quem correr a encosta da montanha encontra lá vestígios de pégadas miúdas, que os pintores e os poetas nos ensinaram serem as do senhor dos infernos... Não veio fazer a sua cura, não; os seus parasitas estão torrificados desde a queda do paraíso... veio de noite a Davos, subreptício e occulto, dizer palavras mysteriosas a ouvidos encantadores e ensinar a sorrir bôcas que sam thesoiros... O malvado está sempre á espreita para tentar as almas que quer perder... e os grandes hotéis para isso sam ainda um excellente campo de manobras do chavelhudo inimigo.

Por mim, que conheço todos os hotéis, dou a cada doente indicações precisas; pela fortuna de que dispôo, pela classe a que pertence, pelo gráu da sua educação, pelo feitio que descortino no seu espirito, pelos hábitos que me revela, até pela correção e elegância com que se me apresenta; mas sendo impossivel especializar aqui cada hypóthese, que se figure, deixo as indicações gerais, que a tal respeito a mim me quer parecer que podem fazer-se.

*

Neste grande número de hotéis se albergam os estrangeiros, que progressivamente invadem Davos; tantos sam, que nem só os hotéis occupam; vivem ainda noutras casas, umas próprias,

outras de aluguer; em **Davos**, uma família pode hoje alugar uma casa para viver como entre nós a aluga na Granja ou em Espinho; a commodidade e confôrto, que assim conquista, tem na despêsa respectiva correspondência equivalente.

Davos no inverno é, pela affluência, um misto internacional. Para se fazer idéa da progressão que a invasão affecta, deixo aqui a lista do número de estrangeiros, que habitaram **Davos**, desde 1886 até 1897:

1886.....	6830
1887.....	6325
1888.....	6208
1889.....	6872
1890.....	10167
1891.....	10239
1892.....	11656
1893.....	12590
1894.....	12700
1895.....	13220
1896.....	13417
1897.....	13817

É, como se vê, constantemente crescente, desde 1889.

Para dar idéa das nacionalidades dominantes, que habitam **Davos**, dou aqui o quadro da sua distribuição nos annos de 1895, 1896 e 1897, com a prevenção seguinte: em **Davos** os suíços, para o effeito da construcção da estatística da colónia doente, figuram co no estrangeiros; um suíço de **Zürich** é equiparado a um allemão de Hamburgo, o que, comprehende-se bem, permite

fazer estatísticas completas para o que se tem em vista, sem nenhum inconveniente de melindrar as susceptibilidades dos cidadãos helvécios. Sendo assim, temos: (1)

	1895	1896	1897
Allemaes.....	4052	3976	4203
Inglêses.....	2389	3257	2767
Suiços.....	4133	3642	4279
Francêses.....	513	586	343
Hollandêses.....	463	371	668
Belgas.....	361	445	287
Russos.....	310	355	363
Austriacos.....	280	191	219
Portuguêses, Espanhoes, Italianos e Gregos.....	262	257	255
Dinamarquêses, Suecos e Norueguêses.....	87	91	408
Americanos.....	265	320	254
Outras nacionalidades.....	75	56	74
	13220	13417	13817

Como se vê, a colónia portugueza vai associada com a espanhola, a italiana e a hellénica; em verdade, cada uma dessas colónias é sempre pequena e as quatro juntas dam uma totalidade modesta; entretanto, o coëfficiente português não é dos

(1) Estas estatísticas fôram tiradas no **Curverein** de Davos, onde tive á minha disposição todos os registros officiais; e não posso deixar de testemunhar aqui os meus cumprimentos ao pessoal do **Curverein**, que me encheu de distincções imerecidas.

menores: o mínimo é o espanhol — em 1897, não havia em Davos nenhum castelhano e havia 34 portuguezes, — o máximo o italiano e os intermédios o portuguez e o grego. Isto não significa, porém, que a colónia portugueza não seja muito considerada em Davos: seja pelo que fôr, os portuguezes sam sempre ali alvo de attenções delicadas; basta para isso notar que em todas as grandes festas, que ha em Davos, os programmas sam desde ha certo tempo impressos em quatro idiomas: Allemão, Inglês, Francês e Portuguez; talvês este consolo nos venha da nossa decidida vocação para todo o género de festança...

Querendo fazer-se idéa da fórma como esta percentagem das quatro colónias associadas tem variado, basta notar o quadro seguinte:

Portuguezes, Espanhoes, Italianos e Gregos nos annos de:

1886.....	272
1887.....	268
1888.....	246
1889.....	279
1890.....	443
1891.....	353
1892.....	580
1893.....	683
1894.....	672
1895.....	262
1896.....	287
1897.....	255

O quadro mostra que ella tem diminuído nos últimos annos: talvês o phenómeno das crises não seja estranho ao caso. Nas

doenças parasitárias as associações microbianas sam sempre um incidente temível, de aterrar; e porventura o microbio das crises ter-se-ha associado últimamente ao da tuberculose, com resultados nefastos para os doentes, os quais pela associação ficam em estado de fraqueza tal, que não podem supportar a viagem até á salvadora atmospherá dos grisões . . .

Como quer que seja, o número total de estrangeiros cresce, cresce continuamente; por isso o número de hotéis cresce também; e para vêr o facto basta reparar no quadro, que os encerra, para a columna indicadora das datas da sua fundação. Como os hotéis crescem, Davos cresce também, cresce como os hóspedes continuamente e ha quem diga até que cresce assustadoramente.

Este advérbio não tem rasão de ser e é francamente deprimente para os sábios, que o têm empregado. Teme-se a accumulção em Davos, teme-se esse factor de contaminação, teme-se esse factor de corrupção atmosphérica; este temor anda nos escriptos dos sábios ha muitos annos e todavia ainda não colhêram um facto único que o justificasse para o passado e o fizesse tomar a sério para o futuro.

Davos pode augmentar ainda consideravelmente e ha de succeder-lhe isso sem perder nada das suas propriedades maravilhosas; o valle é longo bastante e amplo de mais para que os doentes não tenham de preoccupar-se com esse receio; e os factos de observação, que sam para Davos como para tudo em clinica a grande pedra philosophal, abundam sufficientemente numerosos para provar que as condições de cura em Davos têm melhorado, com o desenvolvimento da estação, tam progressivamente como ella, porque progressivamente têm melhorado também as suas condições hygiénicas; as estatísticas das differentes clinicas sam cada vez mais prazenteiras, á medida que o número dos seus

clientes augmenta, e a isto não ha razõis que oppôr; nestes termos os doentes ficam auctorizados, quando o seu médico lhes explane essa ária banal, a rir discrètamente e a ir procurar outro, que os mande tomar bilhete para a viagem.

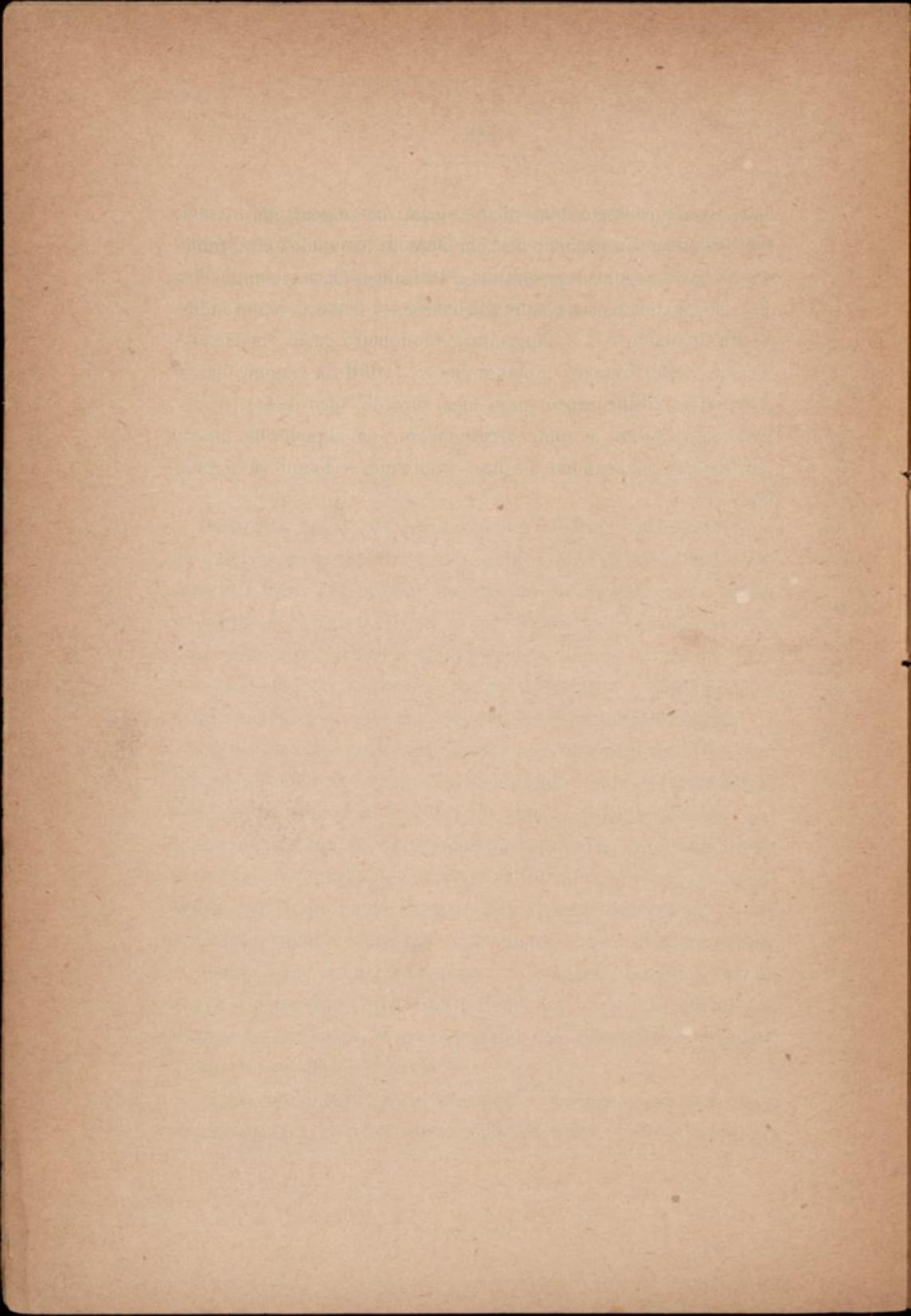
*

Posto isto assim, os doentes podem extrair dêste capitulo e do anterior elementos bastantes para avaliar a sua despêsa em **Davos**; tẽem nas tabellas dos preços dos hotéis, e nos preços indicados das viagens, dados essenciaes bastantes para ajuizarem do sacrificio pecuniário a que força uma viagem a **Davos**. Para isso convém fixar a duração média da estação e juntar alguns esclarecimentos accessórios, que os elucidem completamente.

Os doentes devem sempre dispôr as suas coisas de fôrma que cheguem a **Davos** no princípio de novembro; e lá se devem deixar ficar até princípios ou meiaados de março, pelo menos; ora nos hotéis de **Davos** ha extraordinários bastantes, de modo que o preço dado na tabella deve sempre soffrer uma correcção augmentativa, que é um tanto sensível. Esse preço corresponde á alimentação, exceptuando o leite, e ao quarto; como extraordinários, o doente paga a luz, os banhos, a lavagem e engomagem da roupa e paga por outro lado o leite e o vinho; se entrar em desmandos de mês, o preço puxado das coisas tenta providencialmente moderá-lo e corrigi-lo.

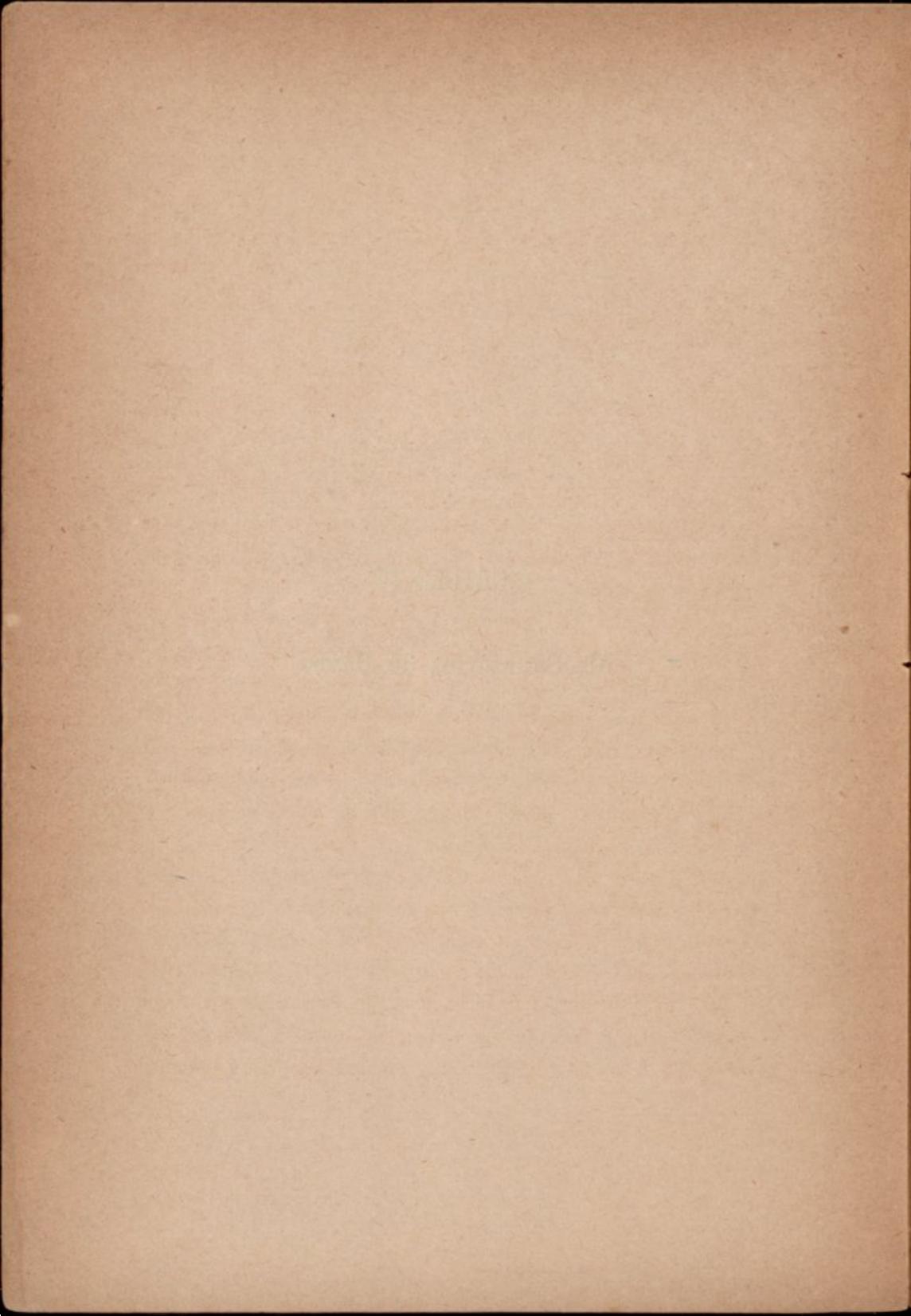
Aggregando todas estas informações, podemos concluir que o doente gastará, sem excessiva economia, e vivendo até com honesto

bem estar e conforto doméstico e social: na viagem, ida e volta, 1:000 francos; na permanência em Davos, incluindo extraordinários e as extravagâncias permittidas, 12 francos diários: suppondo a duração máxima da estação de cinco meses — começo de novembro ao fim de março —, a importância do dinheiro gasto em Davos será de 1:800 francos; juntando-lhe os 1:000 da viagem tem-se um total de 2:800 francos para uma cura de cinco meses, excessivamente barata, e que correspondem, na alquebrada moeda portugêsa, pelo câmbio do dia, á conta que o doente se dignará fazer . . .



CAPÍTULO IV

Os Sanatórios de Davos



I. — O Sanatório TURBAN

Em **DAVOS** ha actualmente um único estabelecimento digno dêste nome. É o Sanatório do dr. **TURBAN**, vulgarmente conhecido por Sanatório de **DAVOS-PLATZ**.

Dirigido pelo eminente clínico allemão dr. **TURBAN**, conselheiro, tem como segundo médico o dr. **ROUGE**, rapaz extremamente sympático, e por director administrativo o sr. **C. KEIM**.

Áparte ligeiras incorrecções devidas à época da construcção — o Sanatório foi edificado em 1887-1888, pelo architecto sr. **ERDMANN-HARTIG**, de **Brunswick** — este estabelecimento pode considerar-se verdadeiramente modelar e merece por isso uma descripção ampla.

O Sanatório está situado quasi na extremidade sul das habitações de **DAVOS**; collocado num plano um pouco superior ao da estrada central, para oeste olhando ao sul, o edificio fruê por isso duma altitude um pouco superior á do valle, ficando elevado a 1753 metros. Esta situação dá-lhe duas vantagens preciosas: quasi o isola da grande agglomeração de edificios da povoação, e permite desfructar da sua frontaria um panorama

grandioso; nenhuma casa lhe vedam a vista e por isso todo o valle de Davos, até além de Frauenkirch, lá para os lados de Wiesen, faz parte do horizonte do Sanatório; a massa de ar, em frente da qual os doentes sempre se encontram, não pode por isso, no valle, ser maior.

O edificio consta de três corpos, um central, o maior, e dois laterais, pequenas villas inclinadas sobre o primeiro segundo angulos obtusos, e ligados com elle por galerias fechadas. O corpo central está francamente virado ao sul; a sua fachada coincide exactamente com a linha leste-oeste e nella estão construídas galerias cobertas numa extensão de 80 metros; as villas laterais, pela sua posição relativa, e pela sua inclinação sobre a fachada principal, defendem as galerias dos ventos leste e oeste, de resto fracos em Davos; numa, a de leste, ainda se installam doentes; noutra, a de oeste, estão os aposentos do conselheiro TURBAN e do sr. C. KEIM.

No corpo central do edificio estão as installações principais. Nas cavas acham-se a cozinha e annexos, a lavanderia, as estufas de seccar a roupa, as officinas das engomadeiras. Ao rez do chão estão a sala de conversa, a sala de leitura, a sala de bilhar e a sala de jantar; esta, vastíssima, com 15 metros de comprimento, 10 de largura e 5 de altura, é uma obra perfeita de conforto e luxo; pinturas primorosas, jovialíssimas, cobrem as paredes e o tecto; a luz entra a jorros pelas janellas amplas e rasgadas, a ventilação é completa e impecavel como a de todo o edificio; o ar alegre que essa sala affecta e a sensação agradável que se experimenta ao penetrar nella fazem a reputação do architecto, que a fez construir, e do médico eminente, que o orientou; ali ninguem pode deixar de ter appetite. No rez do chão estão ainda o gabinete de consulta do conselheiro TURBAN, o labora-

tório de análises clínicas, a pharmácia, a sala de gymnástica e as installações hydrotherápicas.

Nos três andares superiores sam os quartos dos doentes, todos voltados ao sul, numa única série em cada andar; por trás delles, para o norte, passa em cada andar o corredor commum para que todos abrem. Muitos delles sam munidos de saccadas, sempre como as janellas, com portas duplas munidas de stóres; alguns, como os corredores, sam tapetados com linóleo; outros têm pavimentos envernizados, como as paredes, permittindo uma lavagem facil e diária, com pannos humedecidos, para evitar as poeiras.

O número total dos quartos, comprehendendo os da villa de leste, é de 60; e nelles podem receber-se, magnificamente, 60 a 70 doentes.

O aquecimento das villas é feito com estufas, mas o do corpo central é feito a vapôr, a baixa pressão, com apparatus Bechem e Post. O ar exterior penetra por uma abertura feita na parede junto dos pavimentos dos quartos e vai aquecendo á medida que passa em volta dos cylindros; o ar interior passa, junto dos tectos, por um tubo de ventilação munido de válvula, abrindo para fóra, para uma caixa de ar construída sôbre os tectos, a qual communica com o exterior e que está sempre violentamente ventilada.

Associando a isto a renovação produzida pela disposição das janellas duplas, estando abertas as de fóra, fechadas as de dentro, caídas as bandeiras destas, e descidos os stóres, em cada quarto obtém-se, sem correntes, uma ventilação tripla. Não se pode exigir mais.

O estabelecimento é illuminado a luz eléctrica; na grande galeria de cura ha 24 lâmpadas; a água é-lhe fornecida por uma fonte exclusiva; o leite por estábulos que o conselheiro **TURBAN**

inspecciona; possuê uma estufa de desinfecção a vapôr, um systema de esgôtos perfeito, telephónio e uma bibliotheca bem sortida, munida de revistas illustradas, numerosas e escolhidas.

As installaçõis hydrotherápicas do Sanatório sam modestas e simplez; em dois pequenos quartos, ao norte, podem ministrar-se *douches* laterais ou em leque, que só o médico applica, à pressão de 1 ou 2 atmospheras, resfriando-se successivamente num intervallo dalguns segundos desde 25-20^{oc} a 10-8^{oc}; além disso, os doentes podem ainda usar banhos gerais, em banheiras esmaltadas, de temperatura facilmente regulavel, installadas em aposentos próximos dos precedentes; a hydrotherápica é, porém, raramente applicada. Outro tanto não succede ao emprego das fricçõis sêccas e húmidas, com que se procura activar as funcçõis da pelle, e que pessoal muito habilitado pratica, geralmente de manhã cêdo, quando os doentes estâm ainda no leito.

*

A alimentação é excellente, muito abundante e muito variada; o jantar de hoje em nada se parece com o de hontem nem com o de amanhã. Os doentes tẽem seis refeições; *primeiro almôço* das 7^{1/2} às 8^{1/2} horas da manhã, com café ou chá ou chocolate ou cacão, e pão com manteiga e mel; às 10^{1/2} horas *segundo almôço*, com leite e pão com manteiga: á 1 hora *jantar* com cinco pratos; às 4 horas *merenda* de café com leite e pão com manteiga e mel; às 7 horas *ceia* com tres pratos e às 9 horas leite. O conselheiro TURBAN janta sempre com os seus doentes e emprega, como se vê, a super-alimentação.

A este respeito algumas coisas são dignas da nota (1): no Sanatório a louça dos doentes não é separada, como o não é a das pessoas sãs que os acompanham; todo o serviço de mesa é commum e misturado, sem outra cautela haver além de se fazer a sua lavagem com água bem quente; apesar disso o grande médico nunca observou infecções intestinais em nenhum dos habitantes da sua casa (2).

Por outro lado, a super-alimentação não o intimida à cerca dos seus efeitos sobre as vias digestivas; e formula esse juízo não sobre razões mas sobre factos de significação evidente; o conse-

(1) Haveria da minha parte uma grande falta para a minha consciência de clínico se não agradecesse aqui ao grande mestre allemão toda a benevolência affectuosa que me dispensou, todos os seus ensinamentos preciosos, toda a sua gentilíssima nobreza em supportar as minhas impertinências. Seguramente, algumas das horas mais felizes da minha vida de estudioso passei-as no Sanatório de Davos e devo-as, completamente, a sua excelência. Por isso o reconhecimento, que lhe consagro, nunca terá limites.

(2) Devo fazer notar aqui ao leitor, que do diário da minha visita a Davos se podem extrahir as notas seguintes:

- P. de P. — Tuberculose de ambos os vértices. Fusão. . . 2/98. Peritonite tub. Parte para a Itália. Resultado ignorado.
- P. de L. — Tuberculose de todo o pulmão direito, vértice esquerdo, larynge . . . 12/97. Perit. tub. Morte.
- A. de A. — Pleuresia direita . . . Pneumo thorax . . . 2/98. Per. tub. Parte para Portugal. Morte.
- Z. de M. — Tuberculose do pulmão direito. 1/98 Perit. . . . 2/98. Os sinais de perit. desappareceram. Continúa em Davos.
- M.^{lle} R. de D. — Tuberculose do pulmão direito. . . 11/97. Perit. . . . 2/98. Os sinais de perit. desappareceram. Parte para a Rússia.
- G. de B. — Tuberculose do pulmão direito. 1/98 Perit. . . . 2/98. Os sinais de perit. desappareceram. . . . 3/98. Parte para Portugal, curado.

lheiro **TURBAN** procede a este respeito, como em tudo, com uma meticulosidade perfeitamente magistral. De todos os doentes que chegam ao seu estabelecimento alguns soffrem de perturbações gástricas, ou dyspepsias, ou gastrites, ou dilatações, etc.; todos esses doentes sam submettidos ao tratamento geral, sem prescripções especiais de nenhuma espécie; e a regra geral, os factos constantes sam que todos os doentes ou quasi todos melhoram do seu estado gástrico, da dilatação mesmo; logo a super-alimentação não gera a dilatação de estômago.

Um ou outro mantém-se um dilatado; num ou noutro, primitivamente do estômago intacto, a dilatação apparece; mas associando estes e avaliando a sua percentagem para com a totalidade, observa-se por uma accumulção de casos de muitos annos que o seu número nunca excede 10⁰/₀; a proporção é claramente mínima. A construcção desta estatística obedece a principios de significação indubitavel e incontestavel. As estatísticas do Sanatório sam sempre estatuidas sôbre as informações dos médicos assistentes dos doentes depois da sua saída do estabelecimento, informações que representam um dos trabalhos mais árduos e violentos; apesar disso effectua-se, e nunca as informações dos doentes lhes sam a elles directamente solicitadas; é exclusivamente com o seu assistente que o Sanatório se entende, por largo período, até resolução definitiva da doença.

Deste modo nenhuma dúvida pode haver acerca do valor destes números. Para se fazer idéa da fallibilidade das informações directas dos doentes basta citar-se o facto seguinte: o conselheiro **TURBAN** recebeu um dia carta dum doente que tinha mandado para as Canárias, a annunciar-lhe as suas melhoras, o seu bem estar, a magnífica mudança de clima, etc; no correio seguinte o assistente do doente annunciava-lhe a morte deste.

*

No Sanatório faz-se essencialmente a cura de ar e repouso, segundo os princípios praticados em Goerbersdorf por BREHMER e por DETWEILEER em Falkenstein; de manhã á noite o doente pode fazer a sua cura, na enorme e formosa galeria da fachada do edificio; de noite ainda a cura pode continuar-se, nas 60 cadeiras que a occupam, do modelo Falkenstein; mesmo no inverno, apesar do frio intensíssimo, essa cura nocturna faz-se sem os menores inconvenientes; o conselheiro TURBAN permite que os seus doentes se conservem na galeria, até ás 10 horas da noite, bem agasalhados com saccos de pelles, por uma temperatura que attinge por vezes — 27^{oc}.

A exposição ao ar não é, porém, exclusiva na galeria; os doentes passeam, não só nos jardins do Sanatório mas ainda na montanha próxima, e mesmo na povoação: a duração d'esses passeios é prescripta pelo conselheiro TURBAN, e ninguem pode alterá-la: — a esse respeito, como em tudo, o conselheiro TURBAN é inexoravel. Homem eminentemente delicado, contraria um desejo dum doente com tal habilidade que o doente fica arrependido de o ter formulado; e, todavia, a contrariedade é de tal fórma primorosamente expressa, que nunca ninguem se offendeu com o illustre médico; se, porém, qualquer prescripção sua fôr desobedecida, seja ella qual fôr, ninguem o demove da expulsão do doente, seja elle quem fôr.

Para este procedimento não ha encómios bastantes e o director do estabelecimento pratica-o, porque reconheceu ser esse o único

processo capaz de dar disciplina sufficiente para curar a tuberculose. Para os passeios prescreve duração e inclinações determinadas, sendo o mais prudente possível; os exercícios gymnásticos não os concede, mesmo moderados, senão aos hospedes que estão allí por temor prophylático ou por soffrimento só de uma simplez retracção pulmonar; de resto, todo o tratamento médico é uma perfeição de rigor e a consequência duma vigilância médica inexcedível.

*

No gabinete de análises clínicas o exame da expectoração é feito periódicamente, usando-se o processo de córação por longa immersão; o estudo das secreções do doente, sôbre tudo a análise de urinas, são cuidadosamente feitas; os *excreta* alimentares pautadamente doseados e inscriptos num quadro próprio, que fórma uma das partes do *processo* dos doentes. Sob todos os pontos de vista physicos e morais o doente é sèriamente observado, permanentemente observado, até se conseguir, como diz o illustre médico, fazer — um estudo exacto da sua individualidade —; isso só se obtém com uma assisténcia médica permanente; isso só é que permite estabelecer o tratamento do doente, pela fórma que mais lhe convém; na phrase de s. ex.^o o tuberculoso não pode ter liberdade; é forçoso levá-lo a abdicar da sua vontade, ou sem elle dar por isso ou custe o que custar; um dos principios fundamentais do seu tratamento está aí: «il faut, mon cher, régler le temps du malade, lui régler toute la journée: rien de liberté». Só assim o doente adquirirá o hábito do regimen hygiénico, que verdadei-

ramente lhe convém, e, por isso, a presença permanente do médico é base fundamental do funcionamento dum Sanatório. Com este processo, mesmo quando o doente abandona o estabelecimento, tem-se inculcado na sua educação os princípios suficientes para que elle saiba evitar os accidentes nocivos para a sua doença, porventura mesmo as recaídas.

Como consequência destas idéas no Sanatório de Davos os doentes têm o dia totalmente occupado, e a ordem com que tudo funciona, num estabelecimento tam complicado, é realmente admiravel: parece que ali, doentes e empregados, todos sam encarregados dum serviço qualquer, que timbram em executar com o maior primor. Para o tempo passar sem se dar por isso, os doentes têm sempre que fazer: ou comer, ou fazer cura, ou passear, ou dormir, ou folgar; neste título o conselheiro **TURBAN** introduz pequenos jogos innocentes de qualquer espécie e, sobre tudo, a diffusão das revistas mais graciosas, que se publicam em francês, inglês ou allemão; de modo nenhum s. ex.^a permite a um doente qualquer occupação séria e permanente; quem no Sanatório insistir por ella, tem de retirar-se; de modo que, com tais preceitos, semelhante casa de cura torna-se quasi uma casa de prazer, mas prazer honesto, prazer methodico e moral, curativo e confortavel.

*

No Sanatório de Davos sam admittidos, dum modo geral, todos os doentes de larynge e pulmões. Alguns portadores de asthma pura e simplez lá estão; como todos, sam methodicamente sujeitos ás régras gerais; com outras doenças succede o mesmo,

por exemplo, com os anémicos crónicos, mais facilmente admitidos no verão do que no inverno — a concorrência ao Sanatório é tal que elle está aberto todo o anno — porque no verão se acclimatam melhor.

Entretanto, a admissão dos doentes não é uma coisa sempre absolutamente segura; o conselheiro **TURBAN** é partidário da criação de estabelecimentos annexos aos Sanatórios, que poderão chamar-se *Casas de observação*.

Um doente qualquer seria aí internado, vêr-se-hia como a sua doença seguia, e quando se apurasse o início e progressão da cura seria então admittido no Sanatório; em **DAVOS** não ha esse estabelecimento annexo, mas talvez ainda o venha a haver um dia, visto que a experiência tem mostrado a sua necessidade.

Dêste modo os doentes do Sanatório, já admittidos, teriam menos a recear do recémvindo, e os Sanatórios maiores probabilidades de melhorar as suas estatísticas, que sam todavia enormemente prazenteiras. O conselheiro **TURBAN** procura sempre fazer que os doentes se não incomodem uns aos outros; aquelles que soffrem fortes ataques de tosse, sam isolados para quartos afastados, fazem a cura na sacada do quarto e até, se é preciso, lá se alimentam; mas, em geral, esse isolamento, porque o dr. **WASSERFUHR** insiste com demasiada tenacidade, é precocemente dispensavel, e a maior parte das vezes desnecessário; a disciplina da tosse obtém-se em **DAVOS** tam perfeitamente como em toda a parte; e o conselheiro **TURBAN**, como conhece o effeito moral, que os desastres mortais exercem sôbre os doentes, nega ás vezes a admissão a alguns, quando infelizmente elles chegam a **DAVOS** num estado tal que nunca lá deveriam ir; a este respeito não fornece regras absolutas, procedendo de harmonia com os casos concretos, que se lhe apresentam; todavia, aconselha a que

não vam a Davos os doentes attingidos por *uma fraqueza accentuada do coração, de anemia ou neurasthenia graves, de úlceras extensas da larynge e os dotados duma excessiva sensibilidade das vias respiratórias superiores.*

*

As condições financeiras do internato no Sanatório não sam demasiado elevadas, e sam facéis de indicar rápidamentee:

Á entrada cada doente paga 20 frs. de admissão; se levar consigo alguma companhia, esta paga uma verba igual, excepto se se demorar menos de 15 dias; desta despeza sam excluidos os criados.

O doente paga em seguida uma diária, em que se incluê a alimentação, o serviço, a luz, o aquecimento, o tratamento médico, os banhos, as *douches* e as fricções; tudo isto custa 11 francos; se o doente fôr médico ou pessoa da familia dêste, o preço reduz-se; se se trata de crianças de idade inferior a 10 annos a diária desce a 8 francos; se o doente leva creados, cada um paga 6 francos.

Se o estado do doente exigir uma alimentação de pratos especiaes, que o médico prescreve, nem por isso a diária sóbe. Exceptua-se apenas o Kephir.

Como extraordinários o doente tem de pagar os medicamentos, as bebidas alcoólicas e as águas minerais. Afóra isto ha o preço do quarto, variavel, porque o Sanatório tem aposentos mais ou menos luxuosamente mobilados; ha ali salões muito elegantes, que podem custar 15 a 26 francos por dia; mas, em geral, o

preço médio dos quartos com uma cama é de 2 a 6 francos, com duas camas de 4 a 8 francos diários; os quartos do 3.º andar, com sacada, custam em média 3,5 francos por dia.

Em todos estes preços de quartos se faz a redução dum franco por dia desde 1 de abril a 30 de setembro.

No Sanatório nem sempre ha logar, de modo que, quem quisér habitá-lo faz bem informar-se, antes de partir para Davos, se será admittido ou não. Para isso toda a gente pode dirigir-se affoutamente ao illustre director daquela casa, que manda fornecer todos os esclarecimentos necessários.

No caso do doente ter de dirigir-se ao Sanatório é util avisar a hora da chegada a Davos — o endereço telegráphico da casa é simplesmente *Sanatorium Davos Platz* — a fim de ter a esperá-lo na gare uma carruagem e um empregado do formosíssimo estabelecimento, onde a tuberculose se trata pela fórma mais perfeita que, a meu vêr, até hoje ainda existe no mundo.

II. — O Sanatório Friedericianum

Ha em Davos um estabelecimento com esta designação, que deve mencionar-se aqui, mas a respeito do qual convém ser-se bem preciso. Trata-se duma escola, onde se ministra instrucção secundária a crianças do sexo masculino, nella admittidas depois de terem 6 annos de idade completos.

Essas crianças sam internadas na escola, e aí, ao mesmo tempo que recebem o ensino, soffrem a vigilância médica mais rigorosa. Portanto, o estabelecimento é simultaneamente uma casa de ensino e uma casa de cura. Escola e Sanatório ao mesmo

tempo, recebeu por isso a designação de **Schulsanatorium Friedericianum**.

É certo, porém, que a organização médica do estabelecimento não é rigorosamente a adoptada numa casa exclusivamente de cura, posto que a vigilância clínica nada deixe a desejar; basta para isso estar entregue ao dr. **PETERS**.

Nesta casa podem alojar-se todas as criancitas que por qualquer motivo se tornam suspeitas de tuberculose ou de predisposição para ella; mas, para se fortificarem e munirem contra o terrível morbo, em vez de iniciarem os seus estudos e de os seguirem em qualquer outra parte, fazem-no em **Davos** com indiscutível vantagem; o estabelecimento, infelizmente, aproveita só as crianças suíças e allemãs, porque o ensino é feito em allemão; o dr. **PETERS** só admite predispostos ou doentes ligeiramente em comêço ou de diagnóstico ainda duvidoso. O utilíssimo estabelecimento funciona, com excellentes resultados, desde 1878, sob a direcção paternal e affectuosa do sr. **MÜHLHÄUSSER**.

III. — O Sanatório das raparigas

Com uma organização perfeitamente semelhante á do **Schulsanatorium** existe um estabelecimento para crianças de sexo feminino, muito bem dirigido por **FRÄULEIN A. e B. DICKES**. O ensino aí é já feito em allemão e francês, e as condições de vigilância médica nada deixam a desejar; é encarregado dellas o dr. **PRADELLA**, antigo assistente do **Sanatorium Turban**, e um dos mais nóveis clínicos de **Davos**. O **Schulsanatorium für Mädchen** funciona também desde 1878.

IV. — O Sanatório de Schatzalp

Ainda não existe, mas em breve um novo estabelecimento modelo estará construído na alta montanha, a meia encosta, nas proximidades do formosíssimo local, em que se encontra o restaurante de Schatzalp.

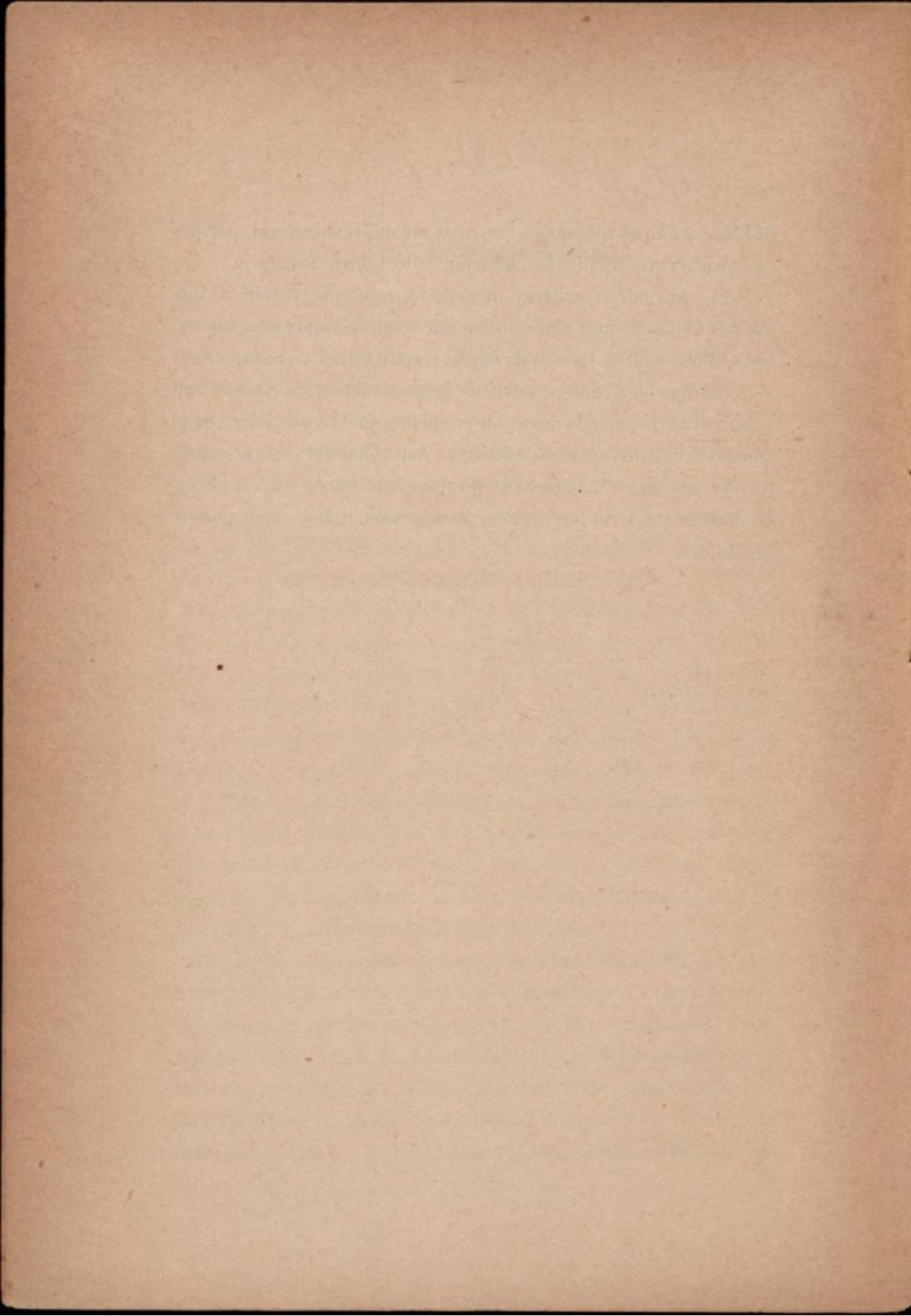
A posição dêsse logar, a puríssima atmospherá que o banha, o encanto da floresta próxima, o seu horizonte magnificente, ha muito que o indicavam para uma construcção dêste género. O seu accesso difficil exigia contudo o estabelecimento duma ligação com o valle, só possível por meio dum elevador.

Pensou-se em tempo em fazer lá uma grande galeria de cura, onde os doentes pudessem passar longas horas do dia; o elevador conduzil-os-hia facilmente e a cura lá em cima, livre do fumo, seria ainda melhor do que em Davos. Combinações se fizeram e desfizeram, tentativas várias falharam, mas afinal o bom senso triumphou e vai effectuar-se uma obra perfeita. Haverá um Sanatório, haverá um elevador eléctrico a servi-lo e haverá um médico encantador a dirigil-lo. Em volta do Sanatório algumas *villasitas* hão de construir-se e elle será seguramente o núcleo duma pequenina povoação, que ha de, dentro de poucos annos, apontar-se como um dos sitios mais deliciosos dos alpes.

Os doentes não podem aproveitá-lo immediatamente; mas não correrá um anno sem o terem á sua disposição. A communicacão espontânea e penhorante que recebi da sua construcção assim mo annunciou, a 24 de agosto — . . . Il vous interessera peut-être d'apprendre, que nous allons bâtir un Sanatorium à la Schatzalp qui sera fini en automne 99 et que ce sera moi, qui aura la direction . . . — Estas palavras sam do dr. LUCIUS SPEN-

GLER, e foram as últimas as que mais me impressionáram, porque me reveláram a qualidade culminante do futuro Sanatório.

Para exprimir o critério immediato com que recebi a boa nova, e o desejo que tenho de inculcar a minha impressão aos leitores, deixo aqui os termos da minha resposta a 25 do mesmo mês: —... Je suis bien content aussi de la construction du Sanatorium à Schatzalp et de la direction eminente qu'il va posséder. Si je pouvais connaître les malades qui vont l'habiter les premiers je leur enverrais d'avance mes salutations sincères... — E as minhas palavras representavam a expressão fiel do meu pensamento.



CAPÍTULO V

Os recursos clinicos de Davos

CAPITULO 7

de la enseñanza clásica de la filosofía

Os recursos clínicos de Davos

Em Davos os doentes encontram tudo quanto clinicamente a sua doença exige; têm á sua disposição, como em qualquer grande cidade do mundo, os recursos clínicos mais completos. Os socorros médicos sam-lhes ministrados por homens francamente especializados nos assumptos da tuberculose, e qualquer doentê, que chegue a Davos, mandando um cartão com o seu nome, o nome do hotel que habita, e do quarto que nelle occupa, a qualquer dos clínicos de Davos, daí a horas recebe a sua visita. A disposição architectónica dos hotéis, como em geral a de todas as habitações de Davos, presta-se a prescrever e fazer seguir um regímen, que simula, em bôa verdade, o tratamento dos Sanatórios; diferenças ha, é certo, mas essas sam geradas mais na relutância do doente em submeter-se ás prescripções do médico, do que nas condições gerais do regímen a que fica immediatamente submettido, depois da primeira consulta. Nesta o médico constroi o eschêma do cliente, que guarda consigo, e fornece-lhe uma tabella em que todo o seu tempo fica regulado.

E o primeiro dever de todo o doente, que vai a Davos, e que vai habitar um hotel, *dever que deve esforçar-se desesperadamente por cumprir*, porque é um factor fundamental da sua cura, é submeter-se inteiramente ao que o médico ordena, não alterar num minuto, nem na menor insignificância, as indicações que o médico lhe estatue.

Esse regimen é exquisito, simplez, mas aborrecido. O doente, se vai sobre tudo habituado a uma vida mechida e buliçosa, o que é frequentissimo, porque em geral só gente de fortuna consegue aproveitar a famosa estação alpina, sente-se embaraçado para cumprir as meudas deliberações do clínico. É tam apertado o programma de vida que recebe, que realmente custa a cumprir; entretanto é esse sacrificio o melhor serviço, que pode prestar á salvação da sua saúde e da sua vida; ter tenacidade bastante para o supportar é mostrar-se uma pessoa de coragem serena, e, portanto, de character límpido. Para dar idéa da minuciosa distribuição, que se faz do tempo a um doente, transcrevo aqui uma das tabellas habituais que lhe será fornecida:

Médico F.

Sr. F. de X.

7 $\frac{1}{2}$ h. da manhã — Um copo de leite.

8 $\frac{1}{2}$ h. da » — Levantar.

9 h. da » — Pequeno almôço.

9 $\frac{1}{2}$ -10 $\frac{1}{2}$ h. da » — Passear.

- 10 $\frac{1}{2}$ -11 $\frac{1}{2}$ h. da manhã — Fazer a cura.
- 11 $\frac{1}{2}$ -12 h. da » — Passear.
- 12-1 h. da tarde — Fazer a cura.
- 1 h. da tarde — Jantar ou almoçar.
- 2-4 h. da » — Fazer a cura.
- 4 h. da » — Um copo de leite.
- 4 $\frac{1}{2}$ -6 h. da » — Passear.
- 6-7 h. da » — Correspondência.
- 7 h. da noite — Cear ou jantar.
- 8-9 $\frac{1}{2}$ h. da » — Conversar ou fazer a cura.
- 10 h. da » — Deitar.

E no dia seguinte recomeça a mesma successão, que é preciso cumprir sem trepidar um momento; doente que comece a prolongar o passeio, a aborrecer-se na cura, a demorar-se nos salões, e em vez de aproveitar a hora do passeio para andar ao ar livre, a desaproveite para a consagrar ao bilhar, etc., está irremediavelmente perdido. E infelizmente a falta do conhecimento desta verdade tem feito e faz numerosas victimas. É claro que todas estas considerações as faço eu para os doentes, que chegam a Davos, quando lá devem chegar. E precisar a significação destas palavras, é, entre nós, um excellentes serviço, que está infelizmente por fazer.

*

Um doente, que chegue a Davos em estado de saúde precária, aloja-se num hotel e é tratado em Davos, na cama do seu quarto, como o seria no quarto da sua casa. Nem mais nem menos. Apenas á acção therapeutica se junta, moderadamente, a do ar da montanha; se differenças ha, além desta, é a falta do carinho e confôrto domésticos, sem eu saber bem dizer se valerá a pênna arriscar o doente á troca.

Não devo occultar aquí, que o pessoal dos hotéis de Davos é excellentemente educado, e que talvez não seja possivel arranjar, em muitos hospitais nossos conhecidos, quem se lhe compare na affabilidade, na abnegação, no carinho, na diligência, que desenvolve em tórno dos doentes.

Seria injustiça não accentuar aquí este facto, que prova a suprema habilidade e sabedoria com que a indústria hoteleira Suíça e Allemã sabe aproveitar os conselhos médicos, as indicações dos clínicos de Davos, e educar com ellas um pessoal, que sendo criadagem pura, faz enfermagem primorosa. Se o estado do doente é tam grave e requer tam persistente assistência, que embaraça os serviços gerais do hotel, pelo pessoal que afasta das suas funcções habituais, nem por isso o doente deixa de ter recursos. Em Davos ha estabelecimentos religiosos, que prestam, a este respeito, serviços inclassificaveis. Num momento, por uma ordem telephónica até, uma irmã de caridade apparece junto do doente, e toma conta de todo o seu tratamento com a maior

simplicidade. A esse facto nunca se offereceu o mínimo obstáculo. As irmãs de caridade, que vivem em **DAVOS**, sabem para que estão ali; nenhuma dellas desconhece o perigo do seu cargo; mas nenhuma dellas se furta a elle sem a menor remuneração. Se o doente é protestante, nenhum inconveniente ha nisso, tem lá irmãs de caridade protestantes; se é catholico, succede-lhe outro tanto. Se o doente só fala francês, a caridosa senhora, que lhe apparece, fala francês; se fala allemão ou inglêz succede-lhe o mesmo.

As protestantes abrigam-se em dois estabelecimentos. Um, a casa das **DIACONÉAS**, é um hospital onde se recebem doentes, quando estes se apresentem em tal estado que até os hotéis os rejeitem; e, sejam elles cathólicos ou não, sejam de que país fôrem, paguem o que pagarem, naquella casa têm sempre guarida. Foi a caridade pública, que soube criá-la e que sabe mantê-la sob um motivo religioso—a fundação duma capella—, ainda e sempre o grande movel das grandes obras humanas. Outro estabelecimento protestante situado junto da igreja anglicana, alberga só irmãs inglêzas, que prestam aos seus compatriotas os serviços, que apontei. Do lado catholico ha, na villa **PRAVIGAU**, a meia distância da igreja catholica á estrada central, uma comunidade religiosa que recebe também os desgraçados, que chegam no último extrêmo, e que fornece irmãs, sem a menor condição e á primeira requisição de qualquer médico de **DAVOS**. Santas senhoras essas, a quem nunca saberemos respeitar bastante!

Dêste modo, os doentes têm em **DAVOS** vantagens, que talvez não encontrem em nenhuma outra parte.

Mas... quando a situação é grave, quando a esperança vai fugindo, quando a verdade se vai descerrando aos olhos do

doente, que valerá tudo isso a par com o confôrto e carinho domésticos? Mais dum doente vi eu, mergulhado na dôr mais cruciante, soltar queixumes doloridos pela falta da mãi ou da irmã, do pai ou do irmão, que lhes recebesse o último alento; e mais dum vi partir de Davos, numa áncia de aproveitar o tempo, a fim de voar depressa a esconder no seio de braços queridos as últimas lágrimas da vida. . .

Esta observação foi por mim tam repetida e frequente, notei com tal constância a nocuidade da falta dêste carinho, que lancei no meu diário a nota essencial de dar aos meus doentes este conselho, quando vam a Davos: *Sempre que possam, levem consigo uma pessoa de família; e, se a despêsa representar um sacrificio, arrostem com elle, sendo possivel, porque este conselho é dos melhores que lhes posso dar.*

*

As considerações, que abrem este capítulo, não se applicam também a outra ordem de doentes.

Se um doente soffre ha muitos annos, tem feito grande número de estações em Davos, tem melhorado muito, tem conseguido jugular o seu mal e com elle vai vivendo, de tal modo que vai passar dois ou três menses de inverno a Davos como nós vamos passar dois ou três menses de verão ás praias, para tonificar o seu organismo e ajudá-lo a resistir ao inimigo, esse doente goza muita mais liberdade do que aquelle que tem de fazer a cura na inteira accepção da palavra. Conheci doentes

em Davos, em número avultado, que faziam lá a sua estação de inverno ha oito, dez, quinze annos; dèsses exemplares grande número nem consulta médico, tem até casas próprias; e o que fazem é viver o mais còmodamente possível.

Não se abstêm da partida, nem do café, nem do salão; dam o seu passeio, fazem a sua excursão, repousam umas horas ao sol (1), deitados na *chaise-longue* da varanda da villa que habitam, e tudo fica por aí. Sam o contrário dos doentes ainda agora apontados; só obedecem a um preceito: viver o mais cautelosamente, mas também o mais còmodamente possível.

*

As considerações, que abrem este capítulo, visam sòbre tudo a classe dos doentes, que cheguem a Davos a tempo e a horas, dos doentes que, se eu podesse, chamaria paradoxamente — *Doentes Normais*.

E dèsses a noção mais precisa, que se me affigurou dever dar, era que elles representam todos os doentes que, estando o mais próximo possível do início da sua doença, apresentando lesões de qualquer extensão ou em qualquer gráu da sua evolução, tendo essas lesões

(1) Em Davos os doentes, quando em repouso a fazer a cura, nunca sam banhados pelo sol na cabeça, nem na parte superior do thorax. Cumpre-se rigorosamente o preceito de ser necessario — que os doentes vejam o sol mas que este os não veja a elles.

marcha manifestamente lenta, mas sendo nitidamente progressiva, estão todavia em condições orgánicas gerais sufficientemente enérgicas para poderem passar ao ar livre um grande número de horas por dia.

Esta condição é essencial. Doente que vá a Davos para ter de passar o seu tempo mettido no quarto, corre o grave risco de nenhum resultado colher da sua viagem á Suíça. Excepções existem, mas raras. Os collocados na classe, que eu aponto como a dos doentes de eleição do clima de Davos, chegando ali e seguindo á risca as ordens médicas, podem estar seguros de que, em regra, melhoram dia a dia.

Mas uns e outros, todos elles, possuem sempre á sua disposição os melhores recursos clínicos.

*

Em geral, a primeira visita, em que o médico estatue o regimen, é seguida doutra só daí a oito dias.

Na primeira visita o médico pede a expectoração, que dali a dois dias lhe é enviada num frasco esterelizado, de vidro, que elle mesmo fornece; examina-a e inscreve o resultado do exame no eschêma do doente, o qual a essa altura está já inscripto também no jornal do médico; os exames sam sempre minuciosos pelo que respeita aos elementos anatómicos; quanto ao parasita,